



Fernando do Rosário David Cossa

Dissertação

Mestrado em Educação/Ensino de Educação Física e Desporto Escolar

ANÁLISE DA EFICÁCIA DOS SISTEMAS DEFENSIVOS FACE AOS SISTEMAS OFENSIVOS DAS EQUIPAS DE ANDEBOL SENIORES MASCULINAS E FEMININAS, NO CAMPEONATO NACIONAL 2015

Maputo

2015



Fernando do Rosário David Cossa

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto para provas de Mestrado no ramo de treino desportivo sob a supervisão do Prof. Catedrático Alberto da Conceição Liberto Gaziano

Maputo,

2015

Índice

Declaração	VI
Dedicatória	VII
Agradecimento	VIII
Lista de Quadros	IX
Lista de Figuras	X
Lista de Abreviaturas	XI
Resumo	XII
Abstract	XIII
Capitulo I	14
1.Introdução	14
1.1 Problema	15
1.2 Justificativa	15
1.3. Objectivos	16
1.4. Objectivos Gerais:	16
1.5. Objectivos Específicos	16
1.6 Estrutura do trabalho	16
Capitulo II	17
2. Revisão da Literatura	17
2.1. Aspectos importantes da história do andebol a nível internacional	17
2.2. Aspectos importantes da história do andebol em Moçambique	20
1.Fase preliminar.....	21
2. Fase final	21
2.3.Actual estágio das competições de andebol no Mundo	23
2.4 Actual estágio das competições de andebol em África	25
2.5 Actual estágio das competições de andebol em Moçambique	26
2.6 Caracterização do jogo de andebol	27
2.7 Principais Conceitos	29

2.7.1 Eficácia	29
2.7.2 A Estratégia	30
2.7.3 Principais características das Estratégias	30
2.7.4 Conceito de Tática	30
2.7.5 A Tática	31
2.7.6 Fundamentos táticos no andebol	32
2.8 Princípios Táticos	33
2.8.1 Princípios da tática individual	34
2.8.2 Princípios da tática colectiva	35
2.8.3 Princípios táticos fundamentais da fase ofensiva	35
2.8.4 Consciência Tática	36
2.8.5 Acções Táticas	38
2.8.6 Acções Técnicas Táticas	40
2.8.7 Categorias das Acções Técnicas – Táticas	40
2.8.8 Classificação da tática	41
2.8.9 Tática defensiva	41
2.9 Tática Defensiva Individual	42
2.9.1 Tática defensiva de grupo	45
2.9.2 Tática defensiva de equipa	46
2.9.3 Sistema Defensivo	50
2.9.4 Sistema Defensivo 6:0	50
2.9.5 Sistema defensivo 5:1	52
2.9.6 Sistema Defensivo 4:2	54
2.9.7 Sistema defensivo 3:3	55
2.9.8 Sistema defensivo 3:2:1	57
2.9.9 Estudos realizados sobre o sistema defensivo no andebol	59
Capitulo III	61
3.0 Material e Método	61
3.1 Área e População de Estudo	61
3.2 Amostra	61

3.3 Instrumento para recolha de dados	61
3.4 Tipo de delineamento da pesquisa	62
3.5 Procedimentos estatísticos	62
Capítulo IV	62
4.0 Apresentação e Discussão dos Resultados	62
4.1 Seniores Feminino	62
4.1.1 Quadro 8: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos Seniores Femininos.....	62
4.2 Seniores Masculino	65
4.2.1 Quadro 9: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos seniores masculinos.....	65
Capítulo V	69
5.0 Conclusões	69
5.1 Recomendações	70
6.0. Bibliografia	71

Declaração

Declaro que esta Dissertação de Mestrado é resultado da minha investigação pessoal e da orientação incansável do meu supervisor, o seu conteúdo é original, e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia final.

Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para qualquer grau académico.

Maputo, 23 de Março de 2017

.....

Fernando do Rosário David Cossa

Dedicatória

Dedico este trabalho em especial aos meus pais que tudo menos nada fizeram por mim, aos meus irmãos pelas conversas e ensinamentos, aos sobrinhos e filha por me fazerem sorrir, a minha esposa pelo carinho, companheirismo e cumplicidade, a todos vai o meu muito obrigado por tudo.

Agradecimento

Agradeço em especial a Deus todo-poderoso, pela vida e pelas bênçãos.

Ao meu supervisor Prof. Doutor Aberto Graziano pela valiosa contribuição, de forma a tornar possível a realização deste trabalho;

Ao Mestre Eduardo Fumo, por me emprestar o material e pelas explicações;

Aos meus colegas do mestrado, pelos momentos que passamos juntos;

Aos amigos, que sempre estiveram prontos ajudar quando precisei;

Aos docentes da FEFD, meu muito obrigado por tudo que me ensinaram nesta caminhada.

Lista de Quadros

Quadro 01: Classificação das selecções com mais títulos a nível do campeonato mundial de andebol.....	20
Quadro 02: Classificação das selecções mais medalhadas em eventos olímpicos.....	21
Quadro 03: Classificação das equipas participantes da liga dos campeões Europeus de andebol.....	21
Quadro 04: Ranking dos países melhor classificados no andebol mundial.....	22
Quadro 05: Classificação das selecções mais medalhadas a nível do Campeonato Africano.....	23
Quadro 06: Apresenta o resumo das definições da eficácia;.....	27
Quadro 07: Resumo de vários autores sobre a táctica.....	30
Quadro 08: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos seniores femininos.....	65
Quadro 09: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos seniores masculinos.....	69

Lista de Figuras

Figura 01: Reapresentação esquemática da defesa 6:0;

Figura 02: Reapresentação esquemática da defesa 5:1;

Figura 03: Reapresentação esquemática da defesa 4:2;

Figura 04: Reapresentação esquemática da defesa 3:3;

Figura 05: Reapresentação esquemática da defesa 3:2:1.

Lista de Abreviaturas

Grua – Grupo Unido de Moçambique

IFP – Instituto de Formação de Professores;

IHF – International Handeball Federation

Resumo

O objectivo do presente estudo foi de analisar a eficácia dos sistemas defensivos face aos sistemas ofensivos, implementados pelas equipas seniores masculinos e femininas no campeonato nacional de andebol em Moçambique, edição 2015. O certame decorreu na cidade de Maputo no período de 14 a 21 de Dezembro de 2015, no pavilhão do Clube dos Desportos da Maxaquene e no salão do Instituto de Formação de Professores. Estiveram presentes 7 equipas em masculinos e 5 em femininas realizando 21 e 15 jogos respectivamente. A amostra foi constituída por 20 jogos observados, dos quais 10 em masculinos e 10 em femininos, para a recolha de dados recorremos a uma ficha de observação de jogos elaborada por Graziano (1990). Para análise de dados, recorremos a regra 3 simples para achamos a percentagem da eficácia defensiva. Os principais resultados encontrados foram: i) os sistemas defensivos 6:0, 5:1, 4:2, e 3:3 foram mais utilizados pelas equipas masculinas e femininas, ii) em ambos sexos foi notória a eficácia do sistema defensivo 5:1 face ao sistema ofensivo 3:3 com percentagens de 40% femininos e 42% em masculinos, e o sistema defensivo 6:0 foi eficaz face ao sistema ofensivo 4:2 com 20% em femininos e 25% em masculinos, iii) os masculinos apresentaram percentagens superiores comparativamente aos femininos, em todas acções observadas, julgamos que esta diferença deve-se a compleição física e ritmo do jogo levado a cabo pelos masculinos.

Palavras-chave: Andebol, Tática, Sistema Defensivo, Sistema Ofensivo.

Abstract

This study's goal was to analyze the efficiency of the defensive systems as opposed to the offensive systems used by both male and female teams during the 2015 Mozambican Handball Championships. The tournaments were played in Maputo, in the Clube de Desportos da Maxaquene and Instituto de Formação de Professores gyms, from 14 to 21 December 2015. In all, there were 7 male teams and 5 female teams that played 21 and 15 games, respectively. The samples used in this study were collected from 20 games – 10 male games and 10 female games – through Graziano's (1990) observational methods. To evaluate the data, the rule of three was used to determine the defensive efficiency percentage. The main results found were: i) defensive systems 6:0, 5:1, 4:2, and 3:3 were used the most by both male and female teams; ii) in both genders, the efficiency of the 5:1 system over the offensive system 3:3 was clear, with 40% among females and 42% among males; and the defensive system 6:0 was efficient against the offensive system 4:2, with 20% and 25%, respectively, among the aforementioned genders; iii) male teams had superior efficiency rates than female teams overall in all activities, and we deem that this happened due to differences in body structure/building and rhythm of play between both genders.

Keywords: Handball, Tactics, Defensive System, Offensive System.

Capítulo I

1.Introdução

Andebol é um jogo desportivo colectivo de oposição/ colaboração jogado quase em exclusivo com as mãos, em espaço partilhado por duas equipas com situações de carácter intenso, determinadas pela colaboração com os companheiros de equipa e em luta com os adversários, onde a existência de contacto físico está bem presente na disputa complexa de movimentos, com e sem bola, executado sob condições variáveis em espaço reduzido (Cruz, 2007).

Para Gomes (1991) existem três objectivos gerais do processo defensivo nos jogos desportivos colectivos que são: a recuperação da bola, impedir o avanço da equipa adversária até a baliza, e defesa da baliza impedindo o golo.

Anton Garcia (2002) afirma que o jogo colectivo defensivo é um trabalho de cooperação que requer espírito de solidariedade, sentido de responsabilidade, ordem, adaptação e capacidade de concentração.

O reduzido espaço das equipas implica um contacto físico permanente e por vezes abusivo, principalmente quando a capacidade técnica se mostra diminuta (Oliveira, 1995).

Para ultrapassar as dificuldades impostas pelo adversário, os atletas recorrem à tática de jogo procurando operacionalizar um conjunto de intenções, que os levem a obter superioridade sobre o oponente, traduzida na obtenção de golos por um lado, e evitando que a equipa adversária tire proveito por isso, Para impedir tais intentos, a defesa deixou de ter como objectivo único: evitar que o adversário marcasse golo, mas também, provocar erros no processo ofensivo adversário, tendo em vista a conquista da posse de bola (Silva, 2008).

Actualmente, constata-se que as tendências evolutivas do andebol, apontam que a defesa e os comportamentos defensivos devem assumir uma importância cada vez maior e mais decisiva para alcançar a vitória num jogo, e é fundamental que o treino esteja estruturado a partir de diferentes tipos de preparação que englobam o treino destes parâmetros (Sousa, 2000).

A análise do jogo assume também particular importância, na medida em que disponibiliza uma vasta quantidade de informação fundamental para perceber os factores que induzem desequilíbrios, no balanço defesa/ataque (Garganta, 2001).

Assim sendo, uma análise objectiva e sistemática ajuda na construção de métodos de treino mais eficazes e estratégias de trabalho mais produtivas contribuindo para optimização dos comportamentos dos jogadores e das equipas na competição (Sousa, 2000).

É nesta conformidade que o presente estudo pretende analisar o comportamento defensivo das equipas nacionais de andebol, na perspectiva de que, os resultados deste trabalho venham auxiliar os treinadores na planificação de treinos e preparação de jogos.

1.1 Problema

O andebol é uma modalidade colectiva de cooperação-oposição e interacção, em que duas equipas se confrontam num espaço comum disputando a bola e procurando marcar mais golos que o adversário (Prudente 2006).

A qualidade da prestação defensiva e seus respectivos comportamentos são de extrema importância para que a equipa trabalhe com sucesso com vista à defesa e protecção da sua zona, contra o poderio ofensivo do adversário, restando fazer um bom ataque com vista a superação do adversário e um resultado final que o favoreça.

Assim sendo torna-se pertinente questionar quais são os sistemas defensivos mais usados pelas equipas de andebol em Moçambique e, por outro lado, perceber qual é o mais eficaz e resultativo.

1.2 Justificativa

A escolha do tema deve-se ao facto de ser atleta e académico, apaixonado pelo desporto e pretender contribuir com um estudo investigativo, que venha a trazer uma mais-valia para modalidade e para a literatura desportiva em Moçambique.

Pretendo partilhar os resultados deste trabalho com os técnicos das equipas, e juntos reflectirmos com vista a fortificar o sector defensivo no nosso andebol, de modo que a defesa torne-se mais forte e agressiva, e o jogo ainda mais exigente, o que tornará a defesa mais concisa, difíceis de ultrapassar e mais criativas

Espera-se ainda, que os resultados do estudo tragam elementos novos que ajudem na melhor análise e abordagem do jogo, em especial do sistema defensivo, e que venha auxiliar os treinadores na planificação dos seus treinos e na escolha do sistema defensivo que melhor adegue-se a capacidade e características dos seus atletas e seja mais resultativo.

1.3. Objectivos

1.4. Objectivos Gerais:

- ✓ Analisar a eficácia dos sistemas defensivos face aos sistemas ofensivos das equipas seniores masculinos e femininos no campeonato nacional de andebol Maputo 2015.

1.5. Objectivos Específicos

- ✓ Identificar os sistemas defensivos mais usados pelas equipas de andebol seniores masculino e feminino;
- ✓ Descrever os sistemas defensivos mais usados pelas equipas seniores masculinos e femininas de andebol;
- ✓ Avaliar a eficácia dos sistemas defensivos mais utilizados face aos sistemas ofensivos;
- ✓ Comparar os resultados em função do género.

1.6 Estrutura do trabalho

O nosso trabalho está estruturado nos seguintes capítulos:

- O primeiro capítulo corresponde a introdução, problema, justificativa, e os objectivos;
- O segundo capítulo aborda a revisão de literatura, nomeadamente: a caracterização do andebol e principais conceitos, aspectos importantes da história do andebol, a nível internacional e em Moçambique, actual estágio do andebol no mundo, em África e em Moçambique, tática defensiva;
- O terceiro capítulo faz referência ao material e métodos (tipo de estudo, instrumentos, procedimentos e amostra);
- O quarto capítulo apresenta os resultados e sua discussão;
- O quinto apresenta as conclusões e recomendações;
- O sexto apresenta referências bibliográficas.

Capítulo II

2. Revisão da Literatura

2.1. Aspectos importantes da história do andebol a nível internacional

Como qualquer desporto, colectivo ou individual, o andebol não foge à regra das dificuldades em determinar, com clareza, as datas e os locais de nascimento das várias modalidades que hoje atraem praticantes e espectadores (Gonçalves, 2003).

A Primeira referência a uma modalidade jogada com uma bola a mão consta na Odisseia de Homero, que era conhecido por jogo da Ucrânia. Posteriormente terá sido descoberto, em 1926, num baixo-relevo datado de 600 a.C, imagens desse jogo. Na idade Média teriam sido praticados jogos de bola com a mão, principalmente na corte, denominados então pelos trovadores como “ Jogos de Verão” (Gonçalves, 2003).

Outros autores admitem a invenção dos jogos com a bola aos Lidios e Sartos, antigos povos da Ásia Menor, ou ainda aos habitantes de Licion, povo que se situava junto aqueles, como ainda aos Lacedemónios ou aos espartanos, ao sul da Grécia tendo - se até conhecimento dum tratado de jogo de bola, da autoria do lacedemónio Timocrates (Graziano, 2015).

Por todo mundo, existem referências a jogos populares, que os perspectivam como antecessores do andebol. Na antiga Checoslováquia existia um jogo denominado “azena”, palavra ainda hoje utilizada para designar o andebol (Gonçalves, 2003).

Por volta do ano 1900, na Dinamarca, o professor de Educação Física do Colégio de Ordrup, Holger Nielsen, cria e divulga um jogo de bola a que deu o nome de Hand-bold, jogado em sala por questões de clima rigoroso durante o inverno e também pelo decrescer de interesse (Graziano, 2015).

Em 1909, o professor alemão de Educação Física, Carl Schelenz, dá forma aquele que definitivamente se transformaria no jogo actual, quer no nome, quer na sua essência. Designou-o de Handball, palavra alemã que significa "bola com a mão", inspirado principalmente no futebol.

Segundo o mesmo autor, nos seus primórdios, era um jogo dedicado às mulheres e rapidamente adquiriu enorme aceitação, pelo que passou a ser também praticado pelos homens (Romero, 1999) refere que " este novo jogo terá chegado à Europa por intermédio dos marinheiros alemães cujos barcos estiveram ancorados em Montevideu, durante a Primeira Guerra Mundial".

Segundo Gomes (1991), Konrad Koch, professor de ginástica, criou um jogo denominado “Raffballspiel” com características muito semelhantes.

Em 1913, na Bélgica, o professor de Educação Física de Liège, Lucien Dehoux, lançou o andebol das três casas, que expandiu, chegando a realizar campeonatos entre 1915 e 1918 (Gomes, 1991).

Em 1915 na Alemanha, Max Heiser inventou e fixou as regras de um jogo de campo ao que chamou “ Torbal” certamente inspirado pela literatura da época clássica (vide Odissea), pois o jogo era praticado só por raparigas. Haiser entendia que as raparigas, tantas vezes injustiçadas, tinham também o direito ao seu jogo (Graziano, 2015).

Entre 1917 e 1919, Carl Schelenz e depois Carl Diem, interessavam-se por este jogo “ Torbal” e adaptaram-no para rapazes (Graziano, 2015).

O andebol de sete era já um jogo bastante difundido na Alemanha, no século XIX. No entanto, em 1920, Schellenz, professor da Escola Normal Superior de Educação Física de Berlim, lançou as bases do andebol de onze, praticado num campo de futebol e inspirado nas suas regras, mas jogado com as mãos. Nos países escandinavos, e por razões climáticas, este desporto era praticado em recinto coberto e com 7 jogadores (Graziano, 2015).

Graziano (2015) refere que, em 1982, aparece na Checoslováquia, um jogo de bola com muitas analogias com o andebol de sete, criado e divulgado por Joseph Klemer e posteriormente codificado por Karas, o jogo tinha baliza com 2 metros de altura, 2,40 de largura de área de baliza, com 2 metros de raio e dimensões de campo sensivelmente iguais. Este jogo, baptizado por Hazena, é ainda designado naqueles países (República Checa e Eslovaca) pelo mesmo nome.

Há reivindicações vindas da América do Sul, concretamente de Uruguai, pela paternidade do andebol pelo professor António Valeta. Este, em 1916, idealizou um jogo que denominou “Balon” como réplica do futebol, onde apenas era permitido utilizar as mãos (Falkowski, 1997). Graziano (2015) afirma que o jogo ter-se á popularizado de tal forma, que em 1918, disputou-se o primeiro jogo oficial no Estádio Higiene e Saludade Montivideu.

Para os Uruguaios o andebol entrou na Europa através dos marinheiros Alemães na altura detidos em Montevideu, por ocasião do conflito mundial de 1914-1919 que, ao serem posteriormente repatriados, no fim da Guerra, trariam o andebol para o velho continente, é comum aceitar o nascimento desta modalidade na Alemanha, após a I Guerra Mundial, sendo considerados como seus criadores os alemães Hirshmann e Carl Schelenz (Falkowski, 1997).

Embora subsistam muitas dúvidas sobre as origens, o seu grande desenvolvimento e expansão deu-se nos países do leste, Centro e Norte da Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, a modalidade de onze jogadores entrou em declínio, enquanto a de sete se impunha como um desporto europeu, sobretudo nos meios escolares, por este ser mais rápido e dinâmico, para além da comodidade que oferecia aos espectadores, o andebol masculino passou a fazer parte das modalidades olímpicas, em 1972, e o feminino, em 1976 (Graziano, 2015).

Na vertente de onze, teve a sua primeira participação em grandes eventos internacionais nos Jogos Olímpicos de Berlim, realizados em 1936. Mais tarde, devido as condições climatéricas existentes no norte da Europa, que inviabilizava a prática desta modalidade ao ar livre (andebol de onze), os países Nórdicos como Suécia e Dinamarca, criaram a variante de sete, jogados em recintos fechado (Falkowski, 1997).

Com o aparecimento desta alternativa a modalidade despertou grande interesse, tendo se disputado o I Campeonato Mundial realizado em 1938, tendo como vencedor a Alemanha (Graziano, 2015).

Somente, a partir de 1954, passou a haver maior regularidade na disputa de provas internacionais na variante de sete que, aliado ao aumento de popularidade desta versão, levou ao posterior desaparecimento da variante de onze (Gonçalves, 2003).

Em 1957, teve lugar na Jugoslávia o primeiro campeonato mundial feminino (que aparece 19 anos depois do masculino). A competição foi dominada pela União Soviética, Jugoslávia e República Democrática Alemã. Nos últimos tempos surgiu a Noruega e a Coreia, este último, apenas nos Jogos Olímpicos, discutindo os lugares cimeiros das competições (Romão, 2005).

O reconhecimento internacional, enquadrando o programa olímpico, deu-se a partir dos jogos olímpicos de Munique, em 1972, unicamente no sector masculino, pois o feminino teve de esperar mais um ciclo olímpico, iniciando no ano de 1976, em Montreal, a sua participação na maior competição desportiva mundial (Alfândega, 2003).

Segundo Seco (2007), são consideradas circunstâncias que encontram-se ao redor da evolução do jogo neste início de século: as mudanças regulares, a adaptação ao andebol profissional pelos países do Leste da Europa, a multiplicidade de competições, a disponibilidade de informação e o uso das novas tecnologias bem como, a crescente mediatização do andebol.

2.2. Aspectos importantes da história do andebol em Moçambique

O andebol em Moçambique foi introduzido, pela armada portuguesa por volta de 1950, a modalidade não possuía uma estrutura adequada, e jogava-se em campos de futebol, por isso não teve muita aceitação acabando por desaparecer, os seus grandes precursores foram os irmãos Ribeiro e Rui Carlão (Graziano et al 1997).

Segundo Graziano et al (1997) o jogo assemelhava-se ao actual rãguebi, por isso, com o tempo foi enfraquecendo e desaparecendo pelo nível de violência e pelos poucos e demorados golos.

Por volta de 1960-1965, foi introduzido o andebol de sete ou de salão, nas escolas preparatórias, colégios e liceus, sob controlo de professores de educação física enquadrados nas actividades desportivas da mocidade Portuguesa.

Em datas comemorativas como dia de Camões (10 de Junho) e dia da implantação da república (05 de Outubro), realizavam-se torneios oficiais alusivos a estas datas comemorativas (Graziano, 2015).

Com a independência, por várias razões assiste-se a um abandono em massa, dos precursores e professores de educação física que ensinavam esta modalidade nos liceus e colégios. Comentase também que com a reintrodução da modalidade de basquetebol e a falta de material propício para a sua prática, fez com que a modalidade tivesse uma interrupção.

Em 1978, um grupo de alunos da Escola Industrial 1º de Maio formou um grupo denominado “Grua” (Grupo Unido de Moçambique) que tinha como tarefa principal reanimar o movimento andebolístico (Graziano et al, 1997).

Com as políticas definidas pelo estado moçambicano, em 1980, o andebol teve um grande impacto a nível dos jogos escolares. A grande movimentação e impacto do andebol escolar, originou o surgimento de mais equipas de andebol federado. Muitos destes atletas passaram para a área federada, e assim foi-se implantando o andebol, com as suas respectivas estruturas.

Por outro, com o início da relação de cooperação entre Moçambique e os países do leste, o andebol ganhou outro ímpeto (Graziano, 2015).

Para Fumo (2016) este relançamento da modalidade veio a culminar com a sua integração no 2º Festival Nacional dos Jogos Escolares, realizado em Maputo, de 12 a 28 de Janeiro de 1980, onde participaram 10 equipas femininas e 10 equipas masculinas, com idades compreendidas entre 14 e 18 anos, em representação de todas as Províncias, em número de 24 atletas/ alunos para cada.

Em 1981, foi criada a comissão nacional de andebol federado na já existente Federação Moçambicana dos Desportos.

Esta estrutura, ora criada, serviu para o enquadramento competitivo das primeiras equipas após a independência no contexto de alta competição, embora com um reduzido número de equipas a saber: Académica, Ferroviário, Benfica de Maputo e Aviação (Graziano, 2015).

Mais tarde, nos anos 1982-1983, surgiram novas equipas tais como: Matchedje, Clube Desportivo da Matola, Maxaquene, Costa do Sol, Entrepasto de Maputo, e da Beira, Emplama, Chingale de Tete, Ferroviário de Nampula e de Gaza.

A crise económica e política do país, criou condições para o enfraquecimento dos Jogos Escolares, pese embora, ainda se tenha realizado o 3º Festival Nacional dos Jogos Escolares, em duas fases:

1.Fase preliminar

- Jogos em Inhambane, para toda a zona Sul;
- Jogos na Beira, para toda a zona Centro;
- Jogos em Nampula, para toda a zona Norte.

2. Fase final

A fase final aconteceu em Maputo com a participação dos 1ºs e 2ºs classificados de cada zona. É de referir que este festival realizou-se de 9 a 16 de Janeiro de 1982, nos escalões de juvenis e juniores em masculinos e femininos, respectivamente. Foram vencedoras as selecções masculina e feminina da Cidade do Maputo em juniores e em juvenis (Fumo, 2016).

A 3 de Novembro de 1983, foi criada a Federação Moçambicana de Andebol e, a 31 de Maio de 1985 foi criada a Associação de Andebol da Cidade de Maputo, e depois seguiu-se a criação de outras associações provinciais de andebol (Graziano et al, 1997).

Em 1985, em Rabat (Marrocos), o Costa do Sol, em seniores masculinos, participou pela primeira vez na edição da Taça dos Clubes Campeões de África, tendo ficado em 10º lugar.

No escalão de Juniores masculinos, o Clube Desportivo da Matola participou na Itália na cidade de Téramo, na Copa Interaminia, um torneio que se realiza anualmente naquela cidade, tendo ficado em 3º lugar, na 1ª fase e ganhou a Taça Simpatia, fruto do desempenho e disciplina que teve durante o torneio (Fumo, 2016).

Em 1986, as equipas do Clube Desportivo da Matola (Juniões masculinos) e do Clube de Desportos da Costa do Sol (Juvenis Masculinos) participaram em Portugal, num torneio de férias denominado XIRA-CUP na Vila Franca de Xira onde terminaram a 1ª fase em 3º e 4º lugar.

Moçambique tornou-se membro da confederação Africana de Andebol a partir de 1983, e foi admitido em 1988 como membro da federação internacional de Andebol.

Pela primeira vez teve lugar em Maputo, entre os dias 25 e 31 de Julho de 1993 a 3ª edição do torneio da Esasif (África Austral e Oriental) onde fomos honrados com a participação numa equipa Sul-africana no escalão de Seniores masculinos. Este torneio foi ganho pelo Clube dos Desportos da Maxaquene (Graziano, 2015).

Em Dezembro de 1993, o Clube dos Desportos da Maxaquene, em seniores masculinos, participou e ganhou o torneio da Commonwealth realizado em Windhoek-Namíbia, e em Março de 1995, a nível de selecções (masculina e feminina), participou nas eliminatórias para os V jogos Pan-Africanos de Harare. A selecção masculina conseguiu qualificar-se em 1º lugar e a feminina ficou-se no 2º lugar, tendo a selecção angolana ficado em 1º lugar.

A selecção masculina, em Setembro de 1995, participou na fase final dos jogos de Harare, tendo terminado a prova em 4º lugar.

Em 1996, em seniores femininos, Moçambique participou pela primeira vez na Taça das Nações Africanas Benin- Cotonou, tendo ficado em 8º lugar.

Em 2011, coube ao nosso país organizar os XI jogos Pan-Africanos de Maputo, tendo a selecção masculina ficado no 8º lugar e a feminina em 12º lugar.

Nos últimos anos, a IHF tem promovido o andebol em Moçambique e na região Austral, através da realização do Torneio Challenger nos escalões sub 19 em femininos e sub 20 em masculinos, onde a nível da zona 6, o nosso país, em todas as edições, ocupou sempre as primeiras posições, como foi o caso da edição 2016, na República Sul Africana, na cidade de Joanesburgo, onde Moçambique ficou em 1º lugar nas duas categorias (Fumo, 2016).

Nos dias que correm pode-se dizer que esta modalidade vai-se expandindo pelo país fora, pelo número de associações, núcleos, que tem participado em torneios e nacionais (Fumo, 2016).

2.3. Actual estágio das competições de andebol no Mundo

O continente europeu domina actualmente o andebol mundial, as selecções deste continente tem apresentado andebol de grande qualidade e eficácia relativamente aos demais continentes, a selecção da França, em masculinos, é a mais medalhada, com maior número de títulos de campeão do mundo, em segundo, temos Suécia e na terceira posição, a Roménia, no que concerne aos femininos, a Rússia é a selecção com mais títulos, seguida pelas selecções da Alemanha e Noruega.

Quadro 1: Classificação das selecções com mais títulos a nível do Campeonato Mundial de Andebol (IHF, 2017).

Masculino			Feminino		
Posição	Pais/Seleccção	Títulos	Posição	Pais/Seleccção	Títulos
1 ^a	França	5	1 ^a	Rússia	7
2 ^a	Suécia	4	2 ^a	Alemanha	3
3 ^a	Roménia	4	3 ^a	Noruega	3

Relativamente aos Jogos Olímpicos, desde a introdução do andebol nos jogos de 1936 em Berlim, onde apenas os masculinos participaram, mais depois sofreram uma paragem e só regressaram em 1972 em Munique, de lá para cá realizaram-se 19 edições e os masculinos participaram em 13 delas.

Os femininos tiveram a sua primeira participação mais tarde, em 1976, em Montreal, somando assim 11 participações. Em masculinos um grupo de selecções (França, Alemanha, e a Jugoslávia), tem dois títulos olímpicos, e lideram a classificação dos mais medalhados, enquanto em femininos encontramos a Dinamarca com mais títulos, seguido da União Soviética, Noruega, e Coreia do Sul. Os actuais campeões olímpicos dos últimos jogos Olímpicos realizados na cidade Brasileira do Rio de Janeiro, são as selecções da Dinamarca (masculinos) e a Rússia (feminino) (IHF, 2017).

Quadro 2:Classificação das Selecções mais Medalhadas em Eventos Olímpicos (IHF, 2017)

Masculino			Feminino		
Posição	Pais/Seleccção	Títulos	Posição	Pais/ Seleccção	Títulos
1^a	França	2	1^a	Dinamarca	3
2^a	Alemanha	2	2^a	União Soviética	2
3^a	Jugoslávia	2	3^a	Noruega	2

A nível de clubes campeões, em masculino, o Barcelona da Espanha é o detentor de maior número de títulos europeus (9), seguido pelos dois clubes da Alemanha nomeadamente o VFL Gummersbach em 2^o com (5) e o THW Kiel 3^o, com (3) títulos respectivamente.

Em femininos, o Spartak de Kiev da Ucrânia é o clube com maior número de títulos (13), seguido pelo Hypo Niederosterreich da Áustria com (8) e Radnicki Belgrade Sérvia com (3) pontos respectivamente.

Quadro 3: Classificação das equipas participantes da liga dos campeões europeus de andebol (IHF, 2017).

Masculinos			Femininos		
Posição	Equipa	Títulos	Posição	Equipa	Títulos
1^a	Barcelona	9	1^a	Spartak de Kiev	13
2^a	VFL Gummersbach	5	2^a	Hypo Niederosterreich	8
3^a	THW Kiel	3	3^a	Radnicki Belgrade	3

A nível do ranking geral, a Alemanha é a melhor classificada dentre todas as selecções mundiais de andebol, ocupando a primeira posição. E é seguida pela Rússia, na segunda posição, e na terceira posição encontramos a Dinamarca, relativamente as selecções africanas posicionadas no ranking, encontramos, o Egipto sendo a melhor posicionada, na décima quinta posição. A Tunísia na vigésima quinta, e a Angola, na vigésima sexta posição,

Quadro 4: Ranking dos Países melhor classificados no andebol mundial (IHF, 2017).

Posição	Seleccção/Europeu	Pontuação	Posição	Seleccção/Africano	Pontuação
1 ^a	Alemanha	1432	15 ^a	Egipto	337
2 ^a	Rússia	1213	25 ^a	Tunísia	180
3 ^a	Franca	745	26 ^a	Angola	153

2.4 Actual estágio das competições de andebol em África

A Tunísia é até então, a única selecção africana a participar em todas as edições do campeonato africano, teve a sua melhor classificação em campeonatos do mundo, a quando da realização do mesmo em seu território, em 2005, onde ficou em 4º lugar.

O domínio do andebol em masculinos pertence a África do norte, na sua maioria aos países do Magreb, onde temos a Tunísia com maior número de troféus continentais, seguido pela Argélia e o Egipto. A Argélia foi a selecção campeã da última edição.

Segundo Fumo (2016), o Egipto tem sido o representante assíduo de África nos campeonatos mundiais, assim como, nos Jogos Olímpicos, onde tem-se portado bem e em certos torneios chega a atingir a segunda fase do campeonato

Em femininos, a selecção angolana tornou-se na vencedora absoluta do nosso continente, apesar de não ter participado nos primeiros três (3) eventos devido a guerra, iniciou a sua participação em campeonatos internacionais mais tarde.

Teve a sua primeira aparição, no campeonato Africano, realizado na Tunísia em 1981, e tornou-se campeã quatro anos mais tarde, é a actual campeã da edição 2016, passando a contar com 12 títulos continentais, (5) participações em jogos olímpicos e (13) em campeonatos do mundo.

Depois da selecção Angolana na primeira posição seguem-se, o Congo, e a Tunísia. Sobre as selecções moçambicanas não conseguimos informação relativa a sua participação, em ambos sexos.

Quadro 5: Classificação das selecções mais medalhadas nos Campeonatos Africanos (IHF, 2017).

Masculinos			Femininos		
Posição	Pais/ Seleção	Títulos	Posição	Pais/Seleção	Títulos
1 ^a	Tunísia	9	1 ^a	Angola	12
2 ^a	Argélia	7	2 ^a	Congo	4
3 ^a	Egipto	5	3 ^a	Tunísia	3

2.5 Actual estágio das competições de andebol em Moçambique

O andebol em Moçambique está inserido no quadro de modalidades desportivas olímpicas, e dos Jogos Desportivos Escolares, em tempos passados, esta modalidade já teve um lugar privilegiado no topo da elite das modalidades praticadas em Moçambique. No momento não atravessa seu melhor estágio por falta de apoio de vária ordem como: falta de patrocínio, poucas são as equipas que conseguem manter-se vários anos a competir regularmente, a falta de recinto para sua prática, a maior parte das equipas são constituídas por grupos de amigos que decidem juntar-se e formar núcleos desportivos, e muito desses núcleos têm-se deparado com dificuldades de pagar as suas quotas, tornando ainda difícil a manutenção regular desta modalidade.

Os jogos Escolares têm sido o local onde é possível ver a desfilar maior número de equipas, a nível de confrontos entre selecções provinciais. Fumo (2016) afirma que o maior número de troféus nos jogos desportivos escolares foi ganho pela província de Maputo, seguido pela cidade de Maputo, Gaza, e Manica desde o seu reinício em 2001.

Em todo o país, funcionam 11 associações provinciais, das quais apenas 3 estão legalizadas, nomeadamente (Nampula, Manica e Província do Maputo).

Na zona Sul, disputam-se torneios e campeonatos provinciais em todos escalões somente na Cidade do Maputo, e na maioria das restantes Províncias realizam-se torneios regulares apenas nas camadas de formação, visto que limitam-se a trabalhar com os atletas/estudantes vindos dos Festivais Nacionais dos Jogos Escolares.

Na zona Centro, realizam-se torneios e campeonatos provinciais em Tete, Manica, Sofala e Zambézia, sendo a província de Sofala a mais forte da zona e que tem participado em todos campeonatos nacionais organizados pela Federação Moçambicana de Andebol em qualquer ponto do país (Fumo 2016).

Na zona Norte, temos a Província de Nampula que movimenta todos os escalões e as Províncias de Niassa e Cabo Delgado que somente movimentam os escalões inferiores, ligado aos

campeonatos escolares, visto que as suas participações terminam nos Jogos Desportivos Escolares.

No que concerne aos campeonatos nacionais de seniores masculinos e femininos, as equipas da Cidade do Maputo tem mantido a hegemonia, onde o Maxaquene e Malhangalene em masculinos e o Madjedje e Maxaquene, em femininos têm sido os campeões crónicos, trocando entre si o pódio (Fumo, 2016).

Neste lote importa referir que a extinta equipa sénior feminina da Matola, por muito tempo deu muito trabalho a estas duas potências do andebol nacional, chegando a lograr-se campeã (1) vez. Com relação aos masculinos, por alguns anos, a equipa do Maxaquene, que outrora destronou a temível equipa do Costa do Sol, dominou por completo esta modalidade até também ser destronada nas últimas 5 épocas (2011 a 2015), pela equipa da Malhangalene Andebol Clube que tem sido a vencedora invicta. As equipas do Madjedje em femininos e Malhangalene em masculinos foram os campeões da penúltima edição 2015, do campeonato nacional de andebol realizado em Maputo (Fumo, 2016).

Em 2016 o campeonato nacional realizou-se na cidade de Nampula, as equipas de Dondo em ambos sexos sagraram-se campeões do torneio, este decorreu sem a participação de equipas da capital, devido a razões de vária índole (crise financeira, destabilização militar, na zona centro), visto que a maioria tem se deslocado via terrestre.

2.6 Caracterização do jogo de andebol

O andebol é um jogo desportivo colectivo jogado sobre um espaço considerável de 800 m quadrados de área. Esta área torna-se menor para os jogadores no campo pois existem duas zonas onde não podem penetrar, chamadas áreas de baliza (Graziano, 2015).

Santos (1989) afirma em seu estudo, haver uma elevada concentração de jogadores junto de cada área de baliza alternadamente, é nesse espaço que se movimentam os jogadores de 1ª e os da 2ª linha, com objectivos contrários aos dos seus opositores.

O andebol é um jogo de equipa, onde duas equipas jogam uma contra a outra, cada uma tenta meter (introduzir) a bola na baliza adversária e defender a sua própria baliza dos ataques dos adversários. A nível interno e internacional uma equipa de andebol é constituída por 14 jogadores e 2 guarda-redes, só podem estar simultaneamente em jogo seis jogadores e um guarda-redes de cada equipa (Graziano, 2015).

Segundo Silva (2008), para ultrapassar as dificuldades impostas pelo adversário, os atletas recorrem à tática de jogo procurando operacionalizar um conjunto de intenções, que os levem a obter superioridade sobre o oponente, traduzida na obtenção de golos por um lado, e evitando que a equipa adversária tire proveito.

Cruz (2007) caracteriza o jogo de andebol como sendo um jogo desportivo colectivo de oposição/ colaboração jogado quase em exclusivo com as mãos, em espaço partilhado por duas equipas com situações de carácter intenso, determinadas pela colaboração com os companheiros de equipa e em luta com os adversários, onde a existência de contacto físico está bem presente na disputa complexa de movimentos, com e sem bola, executado sob condições variáveis num espaço reduzido.

Na actualidade, esta modalidade apresenta um conjunto de características específicas, entre elas salientamos a existência de 3 (três) períodos de paragem, para cada equipa. O jogo de andebol tem a duração de 60 minutos divididos em duas partes de 30 cada. Não existe qualquer restrição ao número de possíveis substituições a fazer por equipa. O confronto entre ambas faz-se de forma directa; cada jogador só pode manter a bola na mão durante 3 segundos ou três passos (Graziano, 2015).

Os movimentos no andebol tais como a corrida, drible e outros meios técnicos são considerados como cíclicos e surgem no jogo sem qualquer espaço ou tempo pré definido para o seu aparecimento (Graziano, 2015).

Espar (2001) defende que o andebol transporta consigo uma essência que o caracteriza como um desporto colectivo em que a cooperação entre colegas e a oposição conjunta dos adversários, fazem com que se denote uma série de interacções que condicionam constantemente o carácter do jogo.

Por outro lado, num jogo de andebol apresentam-se valores resultantes da combinação de movimentos de alta intensidade (sprints de contra-ataque e de recuperação defensiva, deslocamentos laterais e frontais remates de média intensidade, ataque organizado, deslocamento até ao meio do campo); e de baixa intensidade incluindo os movimentos de paragem (marcação livre, substituição dos guarda-redes, expulsões temporárias) e que na sua maioria são acíclicas e de frequência variada (Santos, 1989).

A nível de alta competição, as concepções do jogo são muito elaboradas, pondo em evidência as qualidades individuais e as potencialidades de cada um no meio do colectivo. Durante a competição verifica-se uma alternância de situações de ataque e defesa. Rapidamente passa de uma parte a outra existindo situações onde a equipa atacante adopta uma situação defensiva (balanço defensivo) para proteger o seu ataque, e vice-versa.

Gonçalves (2003) fala da existência de um princípio de indivisibilidade das componentes do jogo e da sua relação dialéctica, identificando no andebol duas fases fundamentais:

- A) O ataque, situação na qual uma equipa encontra-se na posse de bola e cria condições para atingir o objectivo do jogo (marcar golo);
- B) A defesa, situação táctica na qual a equipa luta, simultaneamente, para não permitir ao adversário atingir seu objectivo do jogo e pela recuperação da posse da bola, para assim poder reorganizar o seu ataque.

2.7 Principais Conceitos

2.7.1 Eficácia: consiste em fazer as coisas certas, está na maioria das vezes relacionada ao nível gerencial medindo o grau atingido das metas propostas (Drucker, 1993).

Quadro 6: Apresenta o resumo das definições da eficácia (Fumo, 2016).

Drucker, P.1993	A eficácia: significa atingir os objectivos (relaciona os resultados obtidos com os resultados pretendidos).
Luciano, 2013	Eficácia significa alcançar os resultados pretendidos.
Chiavenato, 2012	A eficácia é uma medida do alcance dos resultados.

2.7.2 A Estratégia

Estratégia é uma palavra com origem no termo grego *strategia*, que significa plano, método, manobras, usados para alcançar um objectivo ou resultado específico (Fumo, 2016).

2.7.3 Principais características das Estratégias

- a) Devem -se basear no resultado da análise do ambiente;
- b) Devem criar vantagem competitiva;
- c) Devem ser viáveis e compatíveis com os recursos;
- d) Devem ser coerentes entre si;
- e) Devem buscar o compromisso das pessoas envolvidas;
- f) Ter o grau de risco limitado pela equipa;
- g) Devem ser fundamentadas nos princípios da equipa, e serem criativas e inovadoras (Fumo, 2016).

2.7.4 Conceito de Tática

Enquanto Oliveira (1995) refere que a tática é o conjunto de processos de ataque e defesa individual e de equipa, que são utilizados com base nas regras de jogo, no modo de luta do adversário e nas varias situações de jogo e com ajuda dos quais deve ser baseado a concepção da configuração do jogo, para conseguir resultado óptimo.

Por outro lado, Roman (1989) observa que a relação entre a dinâmica intelectual e a compreensão tática é indiscutível e para tal, utiliza o conceito preconizado por Racinwski em que diz que a tática constitui o modo pensado, racionalizado, económico e planificado de desenvolver o jogo desportivo competitivo, e observa ainda que a variedade tática enriquece a competição desportiva na linha da actividade intelectual e confirma que o mundo desportivo

nesta linha é algo mais que um contraste de espontaneidade e de combinações motrizes mecânicas.

2.7.5 A Tática

A tática consiste na melhor utilizações dos elementos segundo suas qualidades individuais, nas situações e posições adequadas.

A tática aplicada ao andebol é alusiva à utilização de recursos para definir situações dentro de uma equipa, englobando os sistemas de jogo, quer sejam defensivos ou ofensivos, situações colectivas ou individuais, podendo ser resumida no que fazer " para resolver uma determinada situação-problema durante uma partida ou competição, (Simões, 2002).

Quadro 7- Apresenta o resumo vários autores sobre a tática, (Fumo 2016).

Teodorescu, (1984)	É a distribuição dos jogadores no campo de jogo, em determinadas posições específicas, de maior rendimento do jogador.
Cuesto, et al (1992),	É conjunto de acções, tanto individuais como colectivas, que os jogadores de uma equipa realizam, de forma organizada e racional.
Falkowski e Enriquez, (1979).	A tática é um meio básico do jogo de andebol, permitindo responder eficazmente a situações ou possibilidades que podem ocorrer durante o desenvolvimento conjuntural do jogo, devendo essas respostas não ser estereotipadas, mas sim plurais e adaptadas a cada situação e momento.
Antón Garcia, (1992:39)	Considera tática como sendo "...todas as acções motoras inteligentes, realizadas com ajustamento espaço – temporal, resultado da observação de situações prévias de companheiros, adversários e as suas modificações espaciais, adequando-se às regras de jogo."
Simões, (2002)	A tática consiste na melhor utilizações dos elementos segundo suas qualidades individuais, nas situações e posições adequadas.
Dufur, (1989)	Afirma que, a tática representa a contribuição activa do factor consciência, tanto durante a partida como no decurso da sua preparação e competição.

Cueto, et al (1992)	É a distribuição dos jogadores no campo, em determinadas posições específicas, de maior rendimento do jogador
Garganta, (2000)	Táctica é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipas gerem os momentos de jogo.
Parlebas, (1981)	Táctica é a execução correcta dos meios de acção.
Roman, (1999)	Táctica é constituída pelo modo pensado, raciocinado, económico e planificado de desenvolver o jogo desportivo competitivo.
Konzag, (1983)	Táctica é a maneira de agir própria do jogador em situação de jogo através do qual utiliza ao máximo os acontecimentos, a dúvida e a imprevisibilidade do jogo;
Hagedorn et al. (1982)	Táctica é definida como sistema de planos de acção e mudança de decisão para cumprir objectivos previamente definidos.
Moreno, (1993)	Táctica é o conjunto de acções ofensivas e defensivas que se realizam para surpreender ou contrariar o adversário, durante a partida.
Chiavenato, (2006)	Táctica é o conjunto de métodos utilizados para conseguir alcançar um objectivo.
Chiavenato, (2006)	Táctica é saber o que fazer quando há o que fazer.
Roman, (1999)	A táctica é constituída pelo modo pensado, raciocinado, económico e planificação de desenvolver o jogo desportivo competitivo
Graziano, (2015)	Táctica é o complexo de acções individuais, ou colectivas, com o objectivo de criar uma situação favorável para finalizar ou para dar continuidade a acção ofensiva, assim como para recuperação da posse da bola.
Konzag, (1984)	Compreende táctica como sendo a obtenção progressiva da capacidade de jogo, a partir de uma posição.

2.7.6 Fundamentos tácticos no andebol

A táctica, uma capacidade senso-cognitiva que se baseia em processos psicofisiológicos, ou seja: a capacidade de captação e transmissão de informações advindas do meio (o jogo de

andebol), a sua interpretação e a elaboração de respostas, tendo como base os conhecimentos pré-adquiridos, objectivando a melhor solução para um determinado problema (Simões, 2002).

Os jogadores que actuam longe da área de baliza, armam as jogadas, sobretudo os do meio, responsável pela variação e opções durante o ataque, armando de um lado do campo, ou do outro, ou mesmo pelo centro, como convier (Fumo, 2016)

Os armadores, na troca de passes, devem procurar servir o pivô, ou não receberem oposição, executarão os remates de longa distância ou penetrarão utilizando na finalização os remates com corrida e salto (Fumo, 2016).

2.8 Princípios Tácticos

Define-se os princípios tácticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções tácticas para os problemas advindo da situação que defrontam (Garganta, 1997).

Os princípios tácticos decorrem da construção teórica a propósito da lógica do jogo, operacionalizando-se nos comportamentos táctico-técnicos dos jogadores. Solicita-se, portanto, a consciencialização dos jogadores sobre os mesmos, para simplificar a transmissão e a operacionalização dos conceitos, ajudando na selecção e na execução da acção necessária à situação. (Castelo, 1994).

Os princípios tácticos possuem certo grau de generalização das movimentações e relacionam-se estreitamente com as acções dos jogadores, com os mecanismos motores e com a consciência e o conhecimento táctico (Castelo, 1994).

Para a organização táctica dos jogadores, no campo de jogo, existem 3 constructos teóricos e que são identificados como: princípios gerais, operacionais e fundamentais.

Os princípios gerais recebem esta denominação pelo facto de serem comuns as diferentes fases do jogo e aos outros princípios (operacionais e fundamentais), pautando-se em 3 conceitos advindos das relações espaciais e numéricas, entre os jogadores da equipa e os adversários, nas zonas de disputa pela bola, a saber:

- a) Não permitir a inferioridade numérica,
- b) Evitar a igualdade numérica e,
- c) Procurar criar a superioridade numérica (Queiroz, 1983; Garganta, 1997).

Segundo BAYER (1994) existem princípios básicos para as duas fases do jogo, sendo:

Na defesa

- a) Anular as situações de finalização;
- b) Recuperar a bola;
- c) Impedir a progressão do adversário;
- d) Proteger a baliza e;
- e) Reduzir o espaço de jogo adversário.

No ataque:

- a) Conservar a bola;
- b) Construir acções ofensivas;
- c) Progredir pelo campo de jogo adversário;
- d) Criar situações de finalização e;
- e) Finalizar à baliza adversária.

Os princípios fundamentais representam um conjunto de regras de base que orientam as acções dos jogadores e da equipa nas duas fases do jogo (defesa e ataque), com o objectivo de criar desequilíbrios na organização da equipa adversária, estabilizar a organização da própria equipa e propiciar aos jogadores uma intervenção ajustada no "centro de jogo."

Segundo Greco (1992), a tática divide-se em princípios individuais e colectivos, aspectos de extrema importância para o treinamento de uma equipa.

2.8.1 Princípios da tática individual

. **Segurança:** princípio que irá proporcionar ao atleta o domínio técnico dos fundamentos específicos do jogo, tais como o passe, drible, o remate, etc;

. **Variação do ritmo de deslocamento:** importante tanto no ataque quanto na defesa, em função da posse de bola, posição dos companheiros e dos adversários e da participação na acção;

. **Domínio dos espaços:** cada jogador deve ocupar os espaços no ataque e na defesa com segurança, adaptando-se com eficácia às variações do jogo, movimentações dos companheiros e adversários;

. **Reacção/ adaptação:** o jogador deve antecipar-se à situação do jogo, integrando-se velozmente no decorrer temporal da situação/ movimento de jogo (Filgueira, 2008 e Greco, 1995).

2.8.2 Princípios da tática colectiva

. **Criação de superioridade:** modificar a situação de igualdade em favor do ataque ou conforme a situação de jogo;

. **Ajuda recíproca:** através da colaboração permanente ao colega; o ataque caracteriza-se pelo desmarque ou pelo cruzamento;

. **Ocupação dos postos:** para evitar desequilíbrios ou deslocamentos no ataque;

. **Acção resposta:** as acções dos protagonistas e as de intervenções de ajuda devem ser realizadas simultaneamente, no momento taticamente adequado (Filgueira, 2008 e Greco, 1995).

Estas mesmas estratégias são definidas por factores como o tipo e a duração de uma temporada; o material humano disponível; os adversários; situações momentâneas de uma competição/jogo; a classificação da equipa na tabela, ou seja: a estratégia é responsável pelas adequações necessárias para se alterar a planificação da equipa, onde outros três aspectos também são fundamentais:

1. **Primeiro**, a estratégia a ser formulada a partir de um objectivo principal e outros específicos,
2. **Segundo**, deve-se constituir na planificação prévia a actuação a curto, médio e longo prazo e,
3. **Por fim**, em sua formulação, todos os aspectos que interferem na actuação da equipa são contemplados. Assim, a estratégia consiste no “saber fazer” (Almeida e Dechechi, 2012).

2.8.3 Princípios tácticos fundamentais da fase ofensiva

Os princípios tácticos fundamentais da fase ofensiva de jogo contribuem para que os jogadores, tanto os mais distantes como os mais envolvidos directamente no "centro de jogo", orientem

suas atitudes e seus comportamentos tático-técnicos em prol dos objectivos da equipa, ou seja, conduzem a bola para as áreas vitais do campo de jogo e marquem golo (Castelo, 1996).

2.8.4 Consciência Tática

A consciência tática é definida por Mitchel (1994) como a habilidade para identificar os problemas que se apresentam num jogo que está em progresso, além da capacidade para seleccionar as habilidades técnicas para resolver esses problemas.

Para Tavares (1996), o complexo sistema de referência com que se defronta o atleta no jogo, coloca grandes exigências nas suas funções mentais, podendo assim considerar que no andebol, os comportamentos táticos estão, deste modo, inicialmente relacionados com os pressupostos cognitivos do desempenho desportivo (Tavares, 1996).

Konzag (1991) afirmou que a consciência tática está submetida às seguintes exigências:

- Pluralidade das condições que vão influenciar as decisões e mudança contínua das situações em que é necessário decidir,
- Escolhas de soluções definitivas (decisões frequentes), entre uma quantidade diversificada de alternativas,
- Alternância frequente de escolhas "seguras" e de escolhas "arriscadas", bem como de soluções "individuais" e "colectivas",
- Sucessão de escolhas realizadas quase sempre com grande rapidez,
- Necessidade de efectuar escolhas durante a execução, mesmo sob o influxo de fortes processos emocionais, de cargas físicas e psicológicas elevadas, em jogos com uma duração elevada.

Mahlo (1970) definiu um modelo, em que a acção tática é realizada em 3 fases principais, que permite compreender o encadeamento de acções que possibilitam ao jogador tratar as informações necessárias para identificar o problema (percepção e análise da situação); elaborar a solução que julga ser a mais adequada (solução mental do problema).

De uma forma geral, um bom resultado tático depende do desenvolvimento de competências específicas para cada fase. Para que as duas primeiras fases citadas sejam desenvolvidas com sucesso, é necessário o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos atletas. Greco e Chagas (1992) referem que capacidades são: percepção, recordação, pensamento, imaginação, antecipação e tomada de decisão.

A percepção tem como função filtrar as informações que chegam ao indivíduo e descodificá-las de forma tal que este possa reconhecer a natureza e a composição do meio ambiente, fazendo o previsível, permitindo a ele comportar-se correctamente (Greco, 1995).

Segundo Schellenberger (1990), a percepção é largamente influenciada pela concentração, processos motivacionais e volitivos e pelo estado emocional, conhecimento e experiências dos jogadores.

A partir das informações percebidas, o jogador tem que decidir qual acção executar. O jogador vai, antes de decidir, percorrer mentalmente diferentes alternativas de soluções possíveis, sendo necessário que o faça num intervalo de tempo muito curto (Konzag, 1991).

Schellenberger (1990) afirmou que é necessária a antecipação para a decisão. No entanto, Meinel e Schnabel (1987), citados por Greco, (1995), referem que antecipação é a construção prévia, o prognóstico do desenvolvimento e do resultado de determinados processos.

Gréhaigne, et al (2001) afirmaram que a tomada de decisão é influenciada por diversos factores que se inter-relacionam. A tomada de decisão é influenciada pelos valores sociais do grupo de que os jogadores fazem parte e pelos motivos pessoais a respeito da actividade, pelo domínio das técnicas, pela gerência das capacidades condicionais, pela concentração dos jogadores e seu grau de auto-controlo mediante ao *stress* e prazer associados ao jogo. Os autores demonstraram a inter-relação a partir dos seguintes factores:

- a) Desenvolvimento de acções competentes e o domínio das técnicas que reforçam a motivação do jogador,
- b) Uso das capacidades condicionais que é modulado pela motivação,
- c) Concentração e o auto-controlo que influenciam a lucidez das escolhas quando, ao mesmo tempo, interferem na execução das habilidades e limita ou estimula o acesso às capacidades condicionais.

Segundo Tavares (1996), os conhecimentos que o atleta dispõe possibilitam-no orientar-se com prioridade para certas sequências de acções em detrimento das outras.

Assim, o jogador vai passando a considerar somente sequências de acontecimentos que encadeiam-se para alcançar o objectivo que ele determina, esse procedimento permite reduzir a carga decisional do jogador.

Greco (1995) demonstrou a estreita relação entre as capacidades tácticas e os processos cognitivos, exemplificando processos cognitivos envolvidos na execução de uma acção:

- a) Percepção para elaborar as informações,
- b) Seleccionar sinais relevantes,
- c) Reconhecimento para localizá-las, recordação para compará-las com as já gravadas na memória e,
- d) Representação para poder imaginar e antecipar a futura acção, conceptualizar a escolha da acção e a continuidade do gesto motor.

2.8.5 Acções Tácticas

São diversas as possibilidades de aplicações tácticas durante um jogo. Porém, algumas acções devem estar presentes na rotina do treino de uma equipa, pois são frequentes praticamente em todos os jogos (Greco, 1992).

Algumas situações comuns durante um jogo, as quais devem ser treinadas diariamente com as equipas nomeadamente:

- a) **O balanço defensivo**, trata-se de uma atitude de preocupação diante de uma táctica pré-estabelecida. A partir de uma acção ofensiva, alguns jogadores colocam-se em posições que favorecem um rápido retorno e a efectiva acção defensiva, caso o planeado não tenha obtido êxito (Greco, 1992).

Diante de uma acção desenvolvida pelo lado direito por exemplo, os jogadores que estão posicionados à esquerda preparam-se para o retorno à defesa, colocando-se um pouco atrás para diminuir o espaço de deslocamento e dificultando os lançamentos para o contra- ataque.

- a) **Acções ofensivas em superioridade numérica**, várias combinações podem ser colocadas em prática visando sobrecarga em uma determinada zona defensiva, provocando dúvidas entre os defensores.

Pode-se criar combinações de bloqueios e cruzamentos, facilitando os remates a meia distância, bem como acções de circulações coordenadas.

- b) **O contra-ataque** é uma movimentação ofensiva para chegar rápido à baliza do adversário e conseguir um golo, pois nesta situação a equipa adversária não se encontra estruturada para as suas acções defensivas (Greco, 1992).

São dois tipos de contra-ataque (directo e indirecto), subdivididos entre si:

1. **Contra-ataque directo**, pode ocorrer em função de 3 situações:

- a) **Roubo de bola** realizado pelo defensor a partir de uma recuperação da bola, quando utiliza-se o drible até chegar a baliza adversária e efectuar a conclusão;
- b) **Lançamento do guarda-redes** quando este recupera uma bola que foi rematada à sua baliza, seja através de uma defesa, após o contacto com o bloco ou a remates efectuados a trave ou para fora, realizando o lançamento para um companheiro que irá recebe-la indo directamente ao golo.
- c) **Cobrança rápida de um remate livre ou lançamento lateral** após uma violação à regra cometida pelo adversário ou de um remate lateral, quando o jogador que executa o faz de forma directa para o jogador que irá receber e concluir a acção (Greco, 1992).

2. **Contra-ataque indirecto**, que pode ocorrer de duas formas:

- a) **Contra-ataque com troca** - quando o guarda-redes recupera a posse de bola e faz um passe para um outro companheiro que faz a distribuição dela para o outro jogador à frente, ou seja, o guarda-redes passa para outro jogador a função de lançamento da bola. É um contra-ataque em dois tempos, no qual a distância dos passes é encurtada, e que deve ser utilizado quando o guarda-redes não tem um bom domínio do fundamento passe (Greco, 1992).

No momento em que ele está com a bola, dois jogadores abrem lateralmente, para receberem-na e realizar o passe final e,

- b) **Contra-ataque sustentado** - dois ou mais jogadores, após recuperarem a posse de bola, saem trocando passes laterais até chegar a baliza adversária. A prioridade do remate deverá ser dada ao jogador que se encontra em melhor situação para rematar a baliza.

4) A aplicação do tipo de contra-ataque depende inicialmente da oportunidade momentânea. No entanto deve-se priorizar algumas situações:

- a) O jogador que estiver à frente deve ser preferido no momento do passe;
- b) Os passes curtos são os mais seguros;
- c) Não se deve fintar ou driblar se existir a possibilidade de passe;
- d) Outros jogadores devem acompanhar a tentativa de contra-ataque do companheiro;
- e) O facto de se chegar rápido à frente não implica em uma necessidade de finalização rápida, se não há uma possibilidade real de conclusão;

f) Como na maioria das vezes, o remate ao golo é à curta distância, deve-se esperar as pistas oferecidas pelo guarda-redes e não precipitar a conclusão (Greco, 1992).

2.8.6 Acções Técnicas Táticas

Acção técnica - são ferramentas usadas pelos andebolistas, como forma de interagir com os acontecimentos do jogo, dar segmento a cada situação, desenvolver o jogo da própria equipa ou recuperar a posse de bola (Castelo, 1996).

Os melhores jogadores são mais habilitados nas acções técnico - táticas, uma vez que tem maior capacidade para agir ou interagir com os colegas na situação momentânea do jogo.

Tudo o que ele faz, passar, desarmar, desmarcar-se, finalizar são acção técnico - táticas, uma vez que são movimentos ou acções que fazem o jogador interagir com a sua equipa, equipa adversária e o jogo (Castelo, 1996).

2.8.7 Categorias das Acções Técnicas – Táticas

Segundo Castelo (1996) a forma como joga-se o andebol depende sempre daquilo que o jogo pede. Uma vez que o andebol é um jogo entre duas equipas, existem quatro categorias de acções técnico-tático, que permitem que o jogador tenha uma resposta para todas as situações de jogo, são elas:

- a) Acções técnico-táticas individuais ofensivas,
- b) Acções técnico-táticas individuais defensivas,
- c) Acções técnico-táticas colectivas ofensivas,
- d) Acções técnico-táticas colectivas defensivas.

Em dois grupos, temos dois estilos diferentes de acções técnico-táticas por grupo; no jogo, existem cinco momentos de jogo: dois momentos têm carácter ofensivo (organização ofensiva e transição ofensiva), e dois têm carácter defensivo (organização defensiva e transição defensiva), e ainda os livres dos 9 metros.

Sendo assim, existem momentos para atacar e momentos para defender. Se o jogo pede que a equipa saiba defender, as acções técnico-táticas são as ferramentas para atacar e defender, e naturalmente, existem acções técnico-táticas ofensivas e defensivas.

Durante o jogo, um jogador tanto pode realizar acções sozinho como em pequenos grupos ou com a sua equipa inteira. Por vezes, pode entrar em contenção e recuperar a bola (acção individual) ou entrar numa combinação táctica (acção colectiva) (Castelo, 1996).

2.8.8 Classificação da táctica

A táctica classifica-se em ofensiva e defensiva, a táctica defensiva divide-se em defensiva individual, de grupo, e de equipa (colectiva); e por sua vez a táctica defensiva também dividida em individual, de grupo, e de equipa (Greco, 1995).

Neste trabalho apenas mencionaremos a táctica defensiva porque fomos observar técnicas ligadas a questões defensivas no andebol que é o nosso motivo de investigação.

2.8.9 Táctica defensiva

Segundo Teodoresco (1997), o processo defensivo representa a fase fundamental do jogo de andebol na qual uma equipa luta para entrar na posse da bola com vista a realização de acções ofensivas, sem cometer infracções e sem permitir que a equipa adversária obtenha o golo.

A fase defensiva consubstancia-se, em última análise, nas acções de marcação que exprimem a oposição do conjunto das defesas, através da anulação e cobertura dos adversários e espaços livres, concretizando o comprimento dos objectivos fundamentais da defesa, nomeadamente a defesa da baliza (impedir a finalização), e recuperação da posse da bola (retirar a iniciativa ao adversário) (Graziano, 2015).

O objectivo básico da defesa é de restringir o tempo e o espaço disponíveis dos atacantes, mantendo-os sob pressão e negando-lhes a possibilidade de poder progredir no terreno do jogo, as defesas estabelecem assim, o primeiro passo para a recuperação da posse de bola.

No entanto, o objectivo principal do processo defensivo é a defesa da baliza. Isto acontece logo após a perda da posse da bola. O desrespeito por este objectivo, poderá comprometer o resultado do jogo, ou seja, a vitória.

Os erros cometidos no processo defensivo saldaram-se habitualmente pelo sofrer golos, não consolidando assim os sucessos do seu próprio ataque (Graziano, 2015).

No andebol distinguimos combinações de defesa tais como a de proteger a saída do companheiro do lado em direcção ao detentor da bola, a de marcar o adversário pessoal (defesa homem a homem), assim como a troca de adversário e o assumir a entrega na marcação dos adversários (defesa á zona) (Graziano, 2015).

Os jogadores na defesa precisam trabalhar em equipa. Comunicação é absolutamente vital. Onde está o pivô? Quem está marcando quem? Onde está o foco do ataque? No nível de elite do andebol, existem equipas que possuem jogadores especializados na defesa, que são altos, muito fortes, rápidos e com muita concentração.

Esses jogadores ainda possuem habilidade de detectar o foco do ataque e adaptarem-se as mudanças nas jogadas. Os defensores situados no meio precisam ser muito fortes e altos para impedirem os ataques dos meios distâncias e conterem os pivôs (Graziano, 2015).

O guarda-redes é vital na defesa, um bom guarda-redes pode representar mais de 50% da performance de uma equipa. Quando a defesa é penetrada, o guarda-redes é a última barreira ao atacante. Ele precisa ter reflexo rápido, boa antecipação de onde o atacante pretende rematar e habilidades de ajustar força, reflexos e total concentração forçando seu objectivo final a defesa.

O guarda-redes também deve-se comunicar com a sua equipa, (pois possui maior visão de jogo por estar fora dos lances de ataque) incentivando e alertando a defesa; auxiliando e orientando seus companheiros no ataque (Graziano, 2015).

2.9 Tática Defensiva Individual

Se procedermos, por exemplo, à observação de um jogo entre equipas moçambicanas evoluídas no que respeita a erros cometidos em tarefas defensivas, perceberemos que resultam numa grande parte dos casos de erro de cooperação entre pequenos grupos de jogadores ou então falhas de carácter individual.

Graziano, (2015), corroborando com outros autores como Anton (2002) e Latiskevits (1991) afirma que estes erros, são directamente afectados pela eleição inadequada dos meios tácticos de grupo a utilizar perante uma determinada acção ofensiva, bem como dificuldades na antecipação de soluções perante problemas decorrentes dos duelos que se estabelecem no jogo.

Numa fase já avançada de formação do jogador, em que a exigência da competição está condicionada por múltiplos factores, será certamente mais difícil a estabilização de aprendizagens se estas não acontecerem de forma oportuna em tempo e modo.

Por esta razão, é decisivo planificar actividades que conduzam a objectivos claros e perfeitamente identificáveis. Estas actividades não são mais do que exercícios que pretendem por em prática ideias que possam resolver problemas colocados pela complexidade e interactividade do jogo (Graziano, 2015).

O andebol nos dias de hoje, exige uma participação activa dos defensores, na procura de um perfil de actuação não dependente dos movimentos ofensivos, mais autónomo no seu funcionamento e sempre integrado em modelos que busquem condicionar o ataque de forma sistemática (Graziano, 2015).

Para tal, o treinador deve identificar comportamentos defensivos determinantes para o efeito, no sentido de que os seus atletas possam atingir altos níveis de competência desportiva.

Identificados esses comportamentos, será necessário adequar as técnicas defensivas de base ao posto específico (posição base, desarme, interceptação, bloco ao remate e deslocamento), tendo em conta o modelo defensivo a desenvolver (Graziano, 2015).

Para Graziano (2015), tomando como referência o tipo de deslocamento defensivo, por vezes observa-se equipas moçambicanas com modelo de defesa 3:2:1, que não apresentam diferenças significativas com a defesa 5:1, em que o deslocamento é aparentemente semelhantes. Neste exemplo, corroborando com Schellenberger (1990), não é mais do que uma adaptação inadequada dos conteúdos táticos individuais a um sistema defensivo com características próprias cujo êxito depende dos detalhes de actuação dos intervenientes do sistema.

Um defensor para produzir altos níveis de rendimento defensivo individual, ainda que na maioria dos casos seja difícil separar acções individuais das acções de grupo, deve ser capaz de marcar em proximidade e a distância com uma posição de base que lhe permita trabalhar em equilíbrio dinâmico, com os apoios sensivelmente a largura dos ombros e na maior parte do tempo assimétricos, com uma orientação adequada do tronco, para evitar o desequilíbrio e conduzir o atacante para zonas menos eficazes de finalização ou continuidade (Graziano, 2015).

Na defesa os braços devem estar abertos numa altura intermédia, de forma a facilitar condições de interceptação e o controlo do oponente (jogador no ataque) em caso de contacto (Graziano, 2015).

O contacto com o oponente, deve ser efectuado sobre tudo com o tronco salvaguardando sempre as características individuais, dado que jogadores com menor envergadura, deverão fazer o uso de maior mobilidade no sentido de dificultar trajectórias favoráveis, em detrimento da busca de contacto.

O objectivo de ter no campo visual o atacante e o portador da bola, deve ser uma constante no desempenho defensivo, ainda que por vezes seja também necessário recorrer a referências tácteis (posição de pivô) (Graziano, 2015).

Graziano (2015) refere que o trabalho defensivo individual deve possuir intenções táticas que provoquem erros ofensivos como a dissuasão, importante para limitar a acção de jogadores com bola (ímpar: jogador atacando individualmente) ou para combinar acções de intercepção (pares: jogador atacando com um companheiro ou mais), tendo como referencial o seu oponente directo. Como já foi referido, este meio tático como outros (intercepção ou bloco), é um dos mais difíceis de dissociar dos meios táticos de grupo, já que, ainda que possa ser uma iniciativa individual só tem sentido quando entra em relação com diferentes intervenientes (companheiros e opositores).

Para que a intercepção possa ter êxitos, por exemplo, o defensor deve oferecer linhas de passe mantendo-se a uma distância eficaz relativamente ao portador da bola e ao possível receptor. Neste caso é necessário saber que é mais fácil receber ou interceptar um passe efectuado a maior distância, o que obriga o defensor a tomar decisões no sentido de avaliar o risco inerente a utilização deste meio tático. Por sua vez, o bloco deve limitar ângulos de remate eficazes, bem como ser efectuado em colaboração com o guarda-redes, se existir condições para tal (Graziano, 1997).

O jogador que utiliza o bloco deve procurar a trajectória de remate próxima do braço executor, por sua vez, o guarda-redes adapta-se a situações correspondendo lhe zonas da baliza onde teoricamente o defensor possa ter menos interferência. Se existirem condições para tal, o salto deve ser efectuado ligeiramente para trás para dificultar remates rectificadados (em caso do atacante mudar de ângulo para remate a baliza), ao mesmo tempo que limita o ângulo de remates mais eficazes (Graziano, 2015).

A utilização deste meio tático deve ser entendida como um meio alternativo e deve evitar uma situação evidente de golo, pelo que devem ser esgotadas todas as possibilidades de forma a evitar-se a finalização. Por vezes, por questões estratégicas a utilização do bloco assume-se como opção prioritária, tendo em conta que existem equipas com rematadores de menor qualidade. No entanto, o maior defensor é aquele que é preparado para defrontar o melhor atacante (Latiskevits, 1991).

Na construção de exercício de bloco os defensores devem partir sempre com alguma desvantagem posicional (por exemplo, de costas para o atirador ou com oposição previa), para posteriormente adaptar o gesto técnico a orientação do tronco do atirador, bem como a trajectória ou a distância que o separa dele. Tendo em conta o princípio da progressividade, é possível limitar zonas de finalização, número de apoios utilizados ou o tipo de remate para definir padrões de intercepção que conduzam a resposta mais adequada (Graziano, 2015).

No caso de esta marcação ser efectuada a jogadores sem bola, estimar trajectórias ofensivas que aumentem a vulnerabilidade do sistema defensivo é fundamental para que ocorra acções de antecipação.

A obstrução de trajectórias favoráveis de remate deve ser sistemática, assumindo especial importância a capacidade de antecipação para obstruir de forma eficaz estas aproximações com perigo ao dispositivo defensivo. Por vezes, num dispositivo 6:0, erros de estimação do perigo (orientação do portador da bola, sem possibilidade de finalização) conduzem a desequilíbrios desnecessário no caso do defensor para adquirir uma profundidade desadaptada a situação (Graziano, 2015).

Nos dias de hoje, cada vez mais surgem jogadores que criam problemas a defesa de difícil resolução, nomeadamente o de saber qual é o seu lado forte de saída nas fintas, dado que muitos saem bem para ambos os lados. A informação relativa aos opositores faz parte da preparação táctica para o jogo e deve constituir um apoio importante na resolução destes problemas (Graziano, 2015).

O tipo de deslocamentos defensivos deve estar adequado ao sistema utilizado que, de acordo com o seu funcionamento, pode possuir características distintas. Nas fases de iniciação e aperfeiçoamento, o trabalho deve ser generalizado, contemplando todo tipo de deslocamento (frontais, laterais, diagonais, e combinadas) sempre explorados com intencionalidade táctica tendo em conta determinadas variáveis como são por exemplo o espaço (amplitude e localização).

2.9.1 Tática defensiva de grupo

O essencial da tática defensiva de grupo é o método utilizado por um grupo de jogadores segundo normas defensivas preparadas previamente ou resultantes da adaptação ao jogo de ataque do adversário. Estas acções designam-se por combinações de defesa (Graziano, 2015).

As acções tácticas de grupo devem ser executadas de tal modo que deve-se observar ao mesmo tempo o adversário “ directo” sem bola, o detentor da bola e a situação do jogo que se desenvolve.

Em vários exercícios, podemos encontrar todos meios tácticos de grupo, enfatizados primeiro pelo deslocamento e segundo, pela troca de marcação. A estrutura do exercício pode ser modificada de acordo com os objectivos a atingir. Imaginemos um exercício em que um determinado jogador com a bola não tem um colaborador como apoio, e tem que utilizar o

drible. Neste caso, o defensor para poder procurar condições para utilizar o desarme deve ao mesmo tempo deslocar sem trocar de oponente (Graziano, 2015).

Tendo como ideia principal a utilização do deslocamento como meio tático de grupo, é possível introduzir outros elementos a potenciar de acordo com o formato do exercício já que a existência de um colaborador como apoio pode potenciar a dissuasão ou mesmo da intercepção. Esta forma condiciona o início de exercício para que se possa ver reflectidos determinados conteúdos táticos e posteriormente, a continuidade do exercício que determina a tomada de decisão dos defensores. Dada a interactividade do jogo o primeiro exercício pode atingir características do segundo e vice-versa. No entanto, os dois defensores devem ter como propósito controlar os oponentes de forma a estarem sempre no seu campo visual (Latiskevits, 1991) citado por (Graziano, 20015).

Assim potenciamos a utilização de meios táticos associados a marcação do oponente e a proximidade e a distância onde a obstrução da trajectória é constante, bem como a utilização adequada da posição do tronco. Como o espaço é amplo, é necessário utilizar diferentes tipos de deslocamento (Graziano, 2015).

2.9.2 Tática defensiva de equipa

Segundo Czerwinski (1993), nos anos 30 do século passado, usava-se no andebol uma tática defensiva apoiada no sistema de defesa individual, muito provavelmente copiada da defesa homem a homem de outras modalidades desportivas. Somente na década seguinte vieram a popularizar-se as defesas por zonas, introduzidas pelos países escandinavos e que perduram até hoje (Graziano, 2015).

A partir de então, ela passou a ser utilizada raramente e apenas em situação especiais de jogo, principalmente por darem uma vantagem significativa aos atacantes em decorrência dos espaços amplos gerados pelo posicionamento aleatório da marcação individual (Simões, 1980).

Graziano (2015), afirma que, no início dos anos 80, o comportamento defensivo progrediu. Saiu da situação de esperar as acções ofensivas e então reagir, buscando provocar reacções ofensivas equivocadas, objectivando a recuperação da bola.

Prudente (2004) acredita que isto sucedeu considerando-se três factores: i) as alterações das regras de 1980; ii) desenvolvimento defensivo frente ao comportamento tático ofensivo nos anos 70, e iii) a melhoria do treino, que deixou de ser quantitativo (mecânico e repetitivo) para ser qualitativo (construtivo e activo).

Foi nessa época e com esse espírito, que a Argélia reapareceu com defesa individual, utilizando-a durante vários minutos, chegando a passar a casa da dezena em um só jogo. A defesa individual argelina levava em consideração as especificidades de seus jogadores e buscava explorar as características dos mesmos reduzindo suas insuficiências (Graziano, 2015).

No início, esta atitude trouxe mais surpresa que resultados, pois o seu uso então era restrito a situação táticas pontuais, respondendo as exigências e situações especiais de jogo. Como por exemplo, nos cinco minutos finais de jogo e em situações de superioridade (Graziano, 2015).

Teodorescu (1997) afirma que após terem desenvolvido as bases necessárias para o funcionamento desta defesa, encontraram dificuldades que surgiram principalmente da incapacidade de adaptação da arbitragem a situações intensas e pouco frequentes no andebol até então.

Actualmente, recuperar a bola na acção defensiva vem sendo adoptado como o princípio fundamental das defesas modernas. Esta atitude defensiva é denominada “activa” em oposição ao conceito de defesa que procurava proteger a sua meta e por isso chamada de “passiva”. O objectivo de uma defesa activa é o de realizar mais ataques que o adversário (Teodorescu, 1997).

A marcação individual pode ser considerada a mais agressiva das defesas activa. O carácter agressivo desta defesa está nas acções defensivas de pressão exercida sobre os atacantes, impossibilitando mesmo aqueles que utilizam os elementos técnico táticos ofensivos sem colocar em risco a posse da bola (Graziano, 2015).

A aplicação da defesa individual requer jogadores experientes que dominem a técnica e a tática individual defensiva (Graziano, 2015).

A marcação individual com conceito activo é um tipo de defesa onde cada defensor tem a responsabilidade de marcar em proximidade um determinado atacante definido previamente, posicionando-se entre e a baliza que defende, acompanhando o mesmo por diversos sectores do campo conforme a necessidade ou o combinado, sem permitir que ele se desmarque. O defensor deve observar conjuntamente o adversário e o deslocamento da bola para se possível interceptar o passe e ou promover ajudas aos companheiros (Graziano, 2015).

A marcação individual centrada no oponente, sem preocupação de acompanhar a trajetória da bola, pode ser considerada uma defesa passiva se tiver como objectivo principal evitar o golo ou realizar a falta assim que possível ao portador da bola.

- **Defesa Individual em todo o campo:** utilizada quando a equipa defensora necessita da bola e resta pouco tempo para o final do jogo. Pode ser também uma forma de evitar o contra-ataque directo do adversário (Cueto et al, 1992). É uma defesa muito perigosa e sujeita ao insucesso, pois pode ocorrer erros nos emparelhamentos. A possibilidade dos defensores serem fintados aumenta em virtude do espaço. Sua principal vantagem está na surpresa e no impacto causado pela pressão exercida pelos defensores na saída da bola junto a área de golo. Latyshkevish (1991) recomenda para a possibilidade de colocá-la em uso diante de equipas mal preparadas fisicamente e com pouca experiência para obterem resultados esperados. Os defensores devem ser rápidos, activos e contarem com boa técnica nas acções defensivas.
- **Defesa individual no meio campo:** inicia-se na metade do campo. É uma defesa mais cautelosa e tem como ponto forte um bom espaço e tempo para definição dos emparelhamentos, mesmo assim continua como factor de desvantagem a sua grande profundidade
- **Defesa individual próxima a área do golo:** nesta situação, a defesa individual pode parecer uma defesa zonal 3:3, pois ela adapta-se a distribuição ofensiva do adversário. Caracteriza-se por ser a mais segura das marcações individuais. Ela evita os remates de longas distâncias e oferece pouco espaço para progressão dos adversários. Em caso de fintas e desmarque dos atacantes a defesa é compactada e permite ajuda de vários defensores (Graziano, 2015).

A utilização da defesa individual como primeiro e principal meio de marcação nas categorias de base do andebol justifica-se teoricamente pelos benefícios da sua prática na formação a longo prazo. Além de contribuir para a evolução do nosso desporto como um todo, tornando-o mais activo, dinâmico e atractivo em decorrência do desenvolvimento técnico e físico dos seus participantes, usa-se no jogo como ferramenta educativa e formativa levando em consideração o comportamento, interesses e as características dos participantes (Graziano, 2015).

Para além da defesa individual, é também necessário abordar a utilização de uma defesa zonal, na qual, no jogo formal é o mais vulgar.

A aprendizagem da defesa zonal não deve deter-se apenas ao ensino das defesas clássicas do andebol, mais sim a compreensão dos conceitos defensivos zonais, cuja característica básica é o forte apelo colectivo de forma que “erros” individuais causam grandes problemas colectivos

ao grupo. Porém, trata-se de uma formação defensiva com maior capacidade de protecção do alvo, inibindo que jogadores apareçam “livres” com grande frequência (Graziano, 2015).

Na marcação por zona, ao contrário cada jogador é responsável por uma zona em seu campo de defesa, entre as linhas da área de guarda-redes e as de lançamentos livres, devendo marcar todos os jogadores que passem por sua zona. Na marcação por zona, quando um jogador sai para interceptar um remate, outro jogador desloca-se para dar-lhe a devida atenção descobrindo sua zona, afim de evitar um vazio na defesa. Dependendo da necessidade os jogadores auxiliam-se mutuamente, fazendo coberturas de posição. Para que a defesa da equipa funcione, é necessário que cada jogador saiba o que fazer individualmente (Graziano, 2015).

O êxito de um sistema defensivo, está condicionado por múltiplos factores, alguns dos quais já foram referidos neste trabalho, principalmente os que tem origem na relação tática entre os defensores.

Esta relação visa a resolução de problemas colocados pelo ataque, podendo ser prevenidos se a defesa assumir uma atitude mais activa relativa como vimos em alguns dos exemplos expostos. Outros factores associados a aspectos psicológicos e físicos são também decisivos, sendo que, a interacção equilibrada entre todos eles vai determinar os de competência atingidos na defesa (Graziano, 2015).

Os sistemas de defesa a zona são designados, conforme o número de jogadores que se encontram na primeira e segundas linhas defensivas. Cada defesa tem uma tarefa bem determinada de acordo com posição que lhe for distribuída na equipa. A tática defensiva de equipa caracteriza-se pela colaboração entre cada um dos defesas encarregado individualmente ou entre grupo de jogadores e exclusivamente do sexto jogador, o qual restabelece uma defesa com o equilíbrio numérico quando o adversário ataca com seis elementos (Pintado, 1994).

2.9.3 Sistema Defensivo

2.9.4 Sistema Defensivo 6:0

Greco (1995), considera a defesa 6:0 a mais indicada para colocarmos em prática a nível escolar, por ser uma defesa de fácil visualização e aprendizagem por parte dos alunos, além de ser mais eficiente e não exigir um alto nível de preparação física, sendo a mesma aplicável a qualquer tipo de ataque.

Aparecido nos anos 60, foi divulgado principalmente através da Roménia e URSS, países que dominavam a competição na época (Pintado, 1994).

Sistema 6:0 significa seis na linha de defesa, ou seja seis jogadores na segunda linha de defesa e nenhum na primeira, conforme explicamos é simples e por isso serve de base para os outros sistemas, para que o mesmo tenha um bom resultado podemos determinar certas regras (Graziano, 2015).

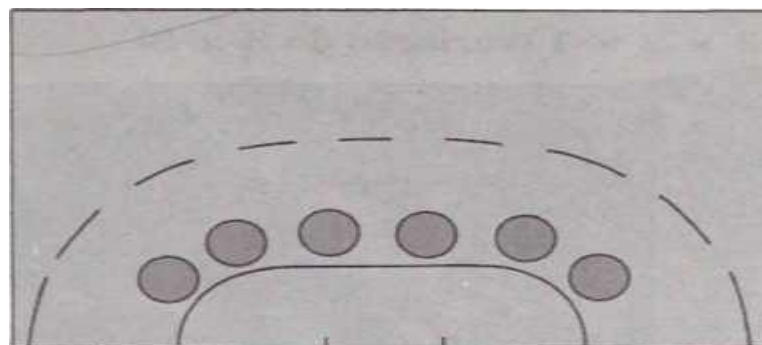


Figura 1: Representação esquemática da defesa 6:0; adaptada (Fumo, 2016)

O seu desenvolvimento e o conceito em que se baseava, teve grande influência na procura de jogadores de elevada estatura de forma a construir o bloco central dessa defesa (Prudente, 2006).

Neste sistema de defesa os jogadores altos deverão posicionar-se no meio da defesa (os mais altos nas posições de central esquerdo e central direito), os de estatura média nas posições de lateral esquerdo e direito e os de estatura baixa no extremo direito e extremo esquerdo (Graziano, 2015).

O sistema 6:0, é um sistema que, no entanto, tem acompanhado a evolução do próprio jogo ao longo dos tempos, e a ele se foi adaptando (Oliveira, 1995).

Se na antiguidade este sistema era considerado uma defesa passiva, onde os jogadores assentavam a sua eficácia baseada na altura do bloco central, o aparecimento de jogadores capaz de ultrapassarem esse bloco fez com que a defesa se tornasse mais dinâmica e mais agressiva.

Deixaram de ser defesas estáticas na medida em que ocupavam apenas as suas zonas defensivas e passaram a ser defesas mais rápidas, capazes de cortar linhas de passe, de sair ao portador de bola e recuperar rapidamente o seu posto na zona defensiva (Graziano, 2015).

Os seis defensores movem-se para o lado, como um todo, na direcção da bola, para manterem um centro de gravidade da defesa a frente dela, onde os defensores centrais saem à meia distância aos adversários quando estes encontram-se na posse de bola, de modo a impedirem o remate a baliza (Graziano, 2015)

Porém, se o atacante que teria como objectivo rematar a baliza, não executar essa acção e sim progredir através de passe para o seu companheiro de jogo, o defensor central que executou o passe a saída a meia distância deverá retornar a linha de defesa entrando em diagonal na direcção da bola para a formação da defesa novamente.

Já os defensores dos extremos em princípio, não abandonam a linha de defesa dos dois metros e os pivôs são cobertos pelo defensor ou defensores que estão do lado contrário ao do braço rematador (Graziano, 2015)

Na execução de um cruzamento durante um jogo que normalmente leva a troca de posição dos atacantes a frente da defesa, faz com que o adversário seja acompanhado até ao companheiro de defesa do lado e aqui lhe entregar e recebe o adversário que corre do vizinho para a própria zona.

Se por um momento do jogo um dos atacantes correr atrás da defesa, deve sofrer uma marcação individual da parte do defensor em cuja zona entrou, até sair novamente frente da formação da defesa (Graziano, 2015).

Estas são acções que ocorrem em geral em todos os sistemas de defesa à zona, tendo é claro nos outros sistemas algumas mudanças secundárias, dependentes da utilização de várias linhas de defesa (Graziano, 2015).

A utilização deste sistema defensivo é adequado quando usado por uma equipa de estatura alta e flexíveis (Espar, 2001).

- ✓ Ela é muito ampla;
- ✓ Quando o ataque não tem rematadores;
- ✓ Quando o adversário tem uma boa relação entre as linhas de ataque e o seu pivô;
- ✓ Perante equipas com bons extremos.

O sistema 6:0 apresenta como características:

- Grande Amplitude;
- Facilita ao Ataque a circulação de bola;
- Facilita as ajudas;
- Alguma profundidade;
- Favorece contra-ataque directo;
- Necessita perfeita sincronização nas trocas de marcação (Espar, 2001).

Se mal escolhida ou aplicada por equipas sem domínio, ela pode apresentar as seguintes desvantagens:

- ❖ Fragilidade às finalizações de meia distancia, pois não tem profundidade;
- ❖ Perturba muito pouco a liberdade de movimento do adversário;
- ❖ Ineficaz para recuperar a bola do adversário e quando utilizado por uma equipa de estatura baixa (Graziano (2015).

2.9.5 Sistema defensivo 5:1

Este sistema é composto por duas barreiras de jogadores, uma delas formada por cinco jogadores próximos à linha dos 6 metros e, a outra linha com um jogador. A função específica do jogador avançado é bloquear a acção do jogador atacante; destruir e evitar que o adversário efectue passes; esquematizem ou coordenem jogadas, tentar destruir a formação do ataque,

perturbar o jogo dos atacantes nos remates de longa distância e interceptar passes; auxiliar especialmente os defensores laterais (esquerdo e direito) na luta contra os rematadores; e iniciar o contra-ataque. Deve ser um jogador rápido, ágil e resistente, sua estatura não tem importância (Graziano, 2015).

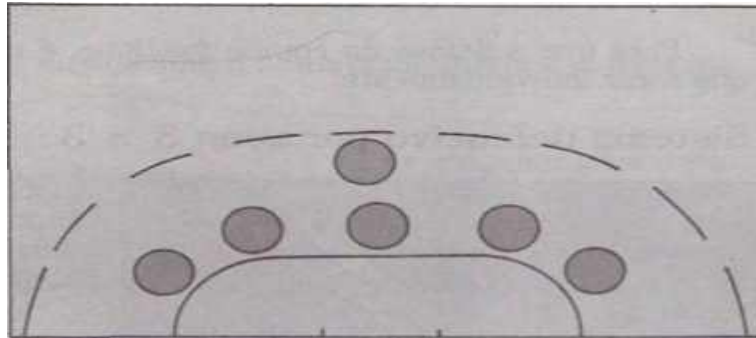


Figura 2: Representação esquemática da defesa 5:1; adaptada de (Fumo, 2016)

O sistema defensivo 5:1 aparece naturalmente, como uma transição entre os sistemas de uma e os de duas linhas, nomeadamente do 3:3 e do 6:0 (Espar, 2001).

Oliveira (1995) considera este sistema como sendo um dos mais utilizados, referindo que a preferência pelo 5:1, baseia-se por este combinar algumas das qualidades mais importantes para o êxito, pois è um sistema profundo e suficientemente largo, contendo a capacidade de grande adaptação aos sistemas atacantes adversários.

Surgiu com o propósito de reduzir as possibilidades de circulação de bola, com a finalidade de dificultar a construção de jogo ofensivo da equipa adversária. Posteriormente, e devido à evolução do ataque, empregou-se este sistema com finalidade de obrigar a concentrar a actividade da equipa atacante numa zona ofensiva que permitisse diminuir a eficácia dos remates e também destruir a estruturação do jogo ofensivo adversário (Romero et al, 1999).

Segundo Espar (2001), Romero (1999) e Graziano (2015) a utilização deste sistema é adequado quando é:

- ✓ Usado contra equipas que possuam um central bom rematador e ou bom organizador;
- ✓ Equipas que finalizam constantemente na zona central;
- ✓ Evita uma melhor coordenação do ataque do adversário;
- ✓ Equipa que possuam bons laterais a rematar na zona central.

O sistema 5:1 apresenta como característica ser:

- ❖ Agressiva;
- ❖ Protege a zona central;

- ❖ Dificulta a organização do jogo ofensivo;
- ❖ Maior densidade na zona da bola (Espar, 2001; Romero et al, 1999).

Este tipo de sistema pode constituir desvantagem se mal aplicado, ou utilizado por equipas sem domínio, porque ela:

- ✓ Enfraquece a linha de defesa, próximo a linha dos 6 metros, proporcionando penetrações dos atacantes (Graziano, 2015).

2.9.6 Sistema Defensivo 4:2

Este sistema é composto por duas linhas, a primeira linha é composta por dois jogadores próximos à linha de nove metros, para dar maior combate aos rematadores, e a segunda linha é composta por quatro jogadores próximos à linha de seis metros para impedir a penetração e os remates dos adversários (Graziano, 2015).

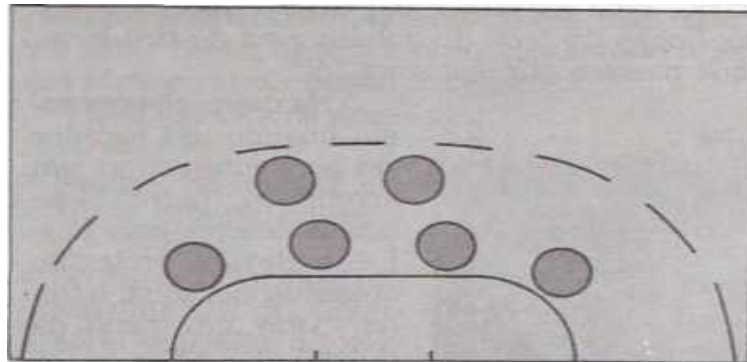


Figura 3: Representação esquemática da defesa 4:2 adaptada (Fumo, 2016)

Para Oliveira (1995), este pode se considerar profundo mas pouco largo e conjuntamente com o 3:3, se considerarem ser sistemas históricos da evolução do andebol.

Este sistema, tal como o 5:1, surge da desvalorização da zona dos extremos, em função da posição da bola, os extremos basculam até ao centro deixando espaços livres na zona dos extremos oposta a bola (Falkowski & Fernandez, 1997).

A utilização deste sistema defensivo é adequado quando:

- ✓ Usado contra equipas com um ataque com dois pivôs;
- ✓ Forte na zona central;
- ✓ Tem amplitude e profundidade;
- ✓ Dificulta remates de curta e longa distancia e dificulta passes (Graziano, 2015).

Este tipo de sistema defensivo apresentar como suas características o facto de ser:

- Muito agressiva e profunda;
- Dificultar organização do jogo ofensivo;
- Obrigar a equipa adversária a jogar longe da baliza;
- Facilitar a 1ª fase do contra-ataque (Sousa, 2000).

Mal aplicado ou usado por equipas sem domínio, este tipo de sistema pode:

- ❖ Ser uma defesa aberta e por isso fraca perante situações de um contra um;
- ❖ Ser fraca contra o sistema de ataque 3:3;
- ❖ Facilitar os ataques dos pivôs, e cobrir bem a zona central da defesa com sua amplitude e profundidade (Martini, 1980, Graziano, 2015).

2.9.7 Sistema defensivo 3:3

O sistema defensivo 3:3 surgiu na década 50 através da equipa sueca que obteve excelentes resultados com este tipo de defesa, chegando a ser campeã. Aliás este foi um sistema muito usado pelas equipas nórdicas, principalmente pelos suecos, nos primeiros tempos do andebol de sete, e, posteriormente, caiu em desuso ao nível da alta competição internacional (Oliveira, 1995).

É um sistema com três jogadores actuando à frente da área do lançamento livre, e três infiltradores, dentro da área, colocados equidistantes próximos à linha da área do guarda-redes. É um dos sistemas mais ofensivos em termos de agressividade próximos à área do guarda-redes (Graziano, 2015).

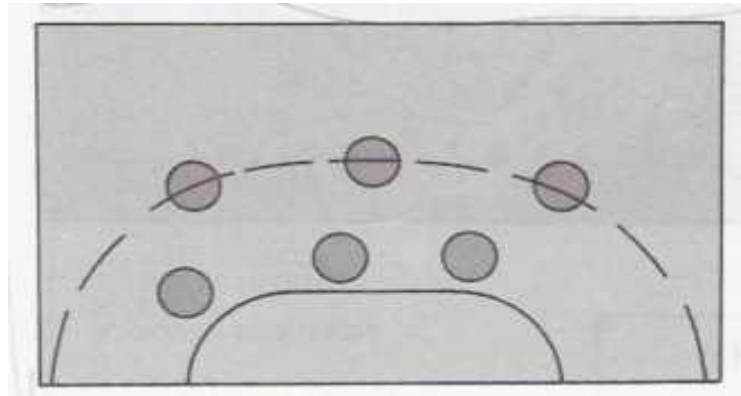


Figura 4: Representação esquemática da defesa 3:3 adaptada (Fumo, 2016)

É um sistema pouco largo e muito profundo “vulnerável” nas pontas e eventualmente no seu interior, que deve ser utilizado contra equipas muito fortes atleticamente e pesadas, por isso com pouca mobilidade, principalmente na sua primeira linha (Espar, 2001).

É considerado o mais arriscado de todos os sistemas por zona, porque facilita as infiltrações e dificulta a cobertura, formado por duas linhas de defesa, sofre mudanças constantes na sua estrutura, variando para 4:2, 3:2:1, 5:1. Tem por objectivo neutralizar as investidas das equipas que utilizam remates de nove metros (Graziano, 2015).

A utilização deste sistema defensivo é adequado porque:

- ✓ Oferece boas possibilidades de contra-ataque;
- ✓ Dificultar remates de nove metros (Graziano, 2015).

Este sistema defensivo apresenta como suas características o facto:

- Ser uma defesa muito agressiva e profunda;
- Dificultar a organização do jogo ofensivo;
- Obrigar a equipa adversária a jogar longe da baliza (Simões, 2002).

Este tipo de sistema mal aplicado ou utilizado por equipas sem domínio pode constituir desvantagens pelo facto de:

- ❖ Apresentar ineficiência contra equipas bem organizadas;
- ❖ Facilitar as infiltrações e dificultar a cobertura (Graziano, 2015).

2.9.8 Sistema defensivo 3:2:1

Este sistema defensivo foi criado por Vlado Stenzl e utilizado formalmente pela primeira vez, pela selecção da Jugoslávia, nos jogos Olímpicos de Munique em 1972. Representou uma revolução nos conceitos defensivos e continua a ser nos dias de hoje uma referência, até pelas transformações, adequações e adaptações que tem vindo a sofrer desde então (Oliveira, 1995).

Neste sistema existe a deslocação de todos para a zona onde está a bola, formando quase uma linha em relação ao eixo da mesma. Este sistema é formado por três linhas de defesa, uma com três jogadores sobre a linha de seis metros, outra com dois em uma linha intermediária entre os seis e nove metros e a terceira linha sobre os nove metros com um jogador (Graziano, 2015).

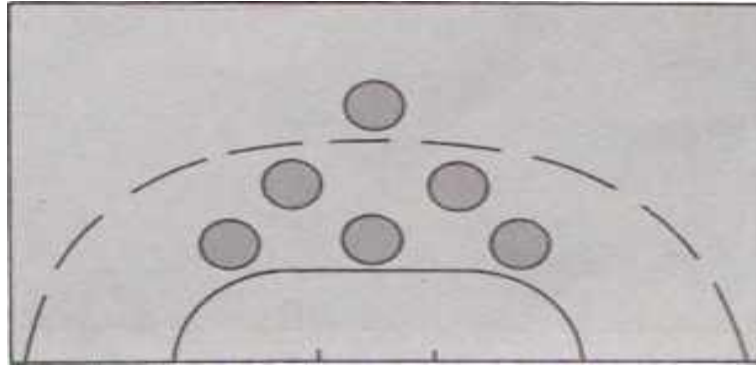


Figura 5: Representação esquemática da defesa 3:2:1; adaptada (Fumo, 2016)

Trata-se de uma defesa universal, isto é, uma defesa que é ao mesmo tempo zonal, individual e combinada, de acordo com o sistema ofensivo que se enfrenta, Reage para se converter em cada uma das anteriores mencionadas. É o sistema que melhor proporciona contra-ataques devido às posições escalonadas e mais adiantadas dos jogadores (Graziano, 2015).

Tem como objectivo, neutralizar completamente à movimentação adversária antecipando-se ao central atacante impedindo-o de executar o passe para a infiltração no bloqueio defensivo (Graziano, 2015).

A utilização deste sistema defensivo torna-se eficaz quando:

- ✓ O adversário muda sua forma de ataque, em princípio sem modificar-se;
- ✓ É utilizado por equipas com bons rematadores e menor mobilidade;
- ✓ Jogador com posse de bola encontra-se constantemente vigiado por dois defensores;
- ✓ A equipa adversária possui uma 2ª linha ofensiva frágil;
- ✓ Tem amplitude e profundidade, jogada ofensivamente perturba o jogo dos atacantes na zona de remate de meia distância e oferece boas possibilidades para o contra-ataque;
- ✓ Equipa adversária utiliza combinações ofensivas fechadas (Silva, 2000, Graziano, 2015).

Este tipo de sistema apresenta como características ser:

- Muito agressivo e profundo;
- Dificultar a organização do jogo ofensivo;
- Dominar as trocas de marcação e jogo individual (Simões, 2002).

Este sistema defensivo quando utilizado por equipas sem domínio, ou mal estruturadas pode apresentar como desvantagens:

- ❖ Só poder ser eficiente com muito movimento (desgaste físico);

- ❖ Fraco contra um jogo bem organizado com dois pivôs e bons extremos (Graziano, 2015).

2.9.9 Estudos realizados sobre o sistema defensivo no andebol

Sousa (2000) fez referência a estudos realizados no âmbito do processo defensivo no andebol, os quais passamos a apresentar:

Aagaard (2007) referiu que uma boa defesa mais um bom guarda-redes, são condições fundamentais para ser bem-sucedido no contra-ataque, referindo-se a selecção Norueguesa campeã da competição estudada, como sendo a equipa que menos golos consentiu por jogo. Ainda em relação às defesas, foi constatado que quase todas as equipas apresentavam um sistema defensivo preferencial, independentemente do adversário.

Essa referência recaia no sistema 6:0, nas doze equipas primeiras classificadas do campeonato. Destaca ainda a alternância dos sistemas defensivos adoptados pela Alemanha, referindo que esta selecção foi a que mais vezes o fez. Um aspecto importante observado e relatado, refere-se às defesas muito activas e com um desejo sempre presente de conquistar a posse de bola. A

análise termina com a ênfase dada pela autora de que uma defesa “ofensiva” é muito mais importante que uma defesa passiva

Para Hergeirsson (2008), ao analisar o Campeonato da Europa de 2008, referiu que a equipa campeã (Dinamarca), teve a melhor defesa do campeonato e utilizou um 6:0 muito activo e dinâmico, que promoveu a utilização do contra-ataque e a concretização de golos em situações vantajosas. Afirma ainda que os guarda-redes subiram os seus níveis de eficácia perante os campeonatos anteriores

Tuma (2008) referiu, na análise do Campeonato da Europa de sub-18, no qual observou muitas semelhanças com o Campeonato da Europa de Seniores, que as defesas apresentaram uma habilidade para resolver as situações de 1x1 e que as defesas preferenciais adoptadas foram o 5:1 e o 6:0. Segundo o autor, o sistema defensivo 3:2:1 foi a terceira defesa mais utilizada pelos vencedores da prova, e que os contra-ataques fizeram 20% dos golos marcados no campeonato.

A utilização preferênciada do sistema defensivo 6:0, também foi referida durante VII Campeonato da Europa de femininos. Das doze equipas melhores classificadas, dez (10) recorreram preferencialmente a esse sistema defensivo e só duas a sistemas mais profundos (3:2:1 e 3:3). De notar que todas as equipas Abordam mais do que um sistema defensivo.

Aagaard (2007) refere também uma utilização acentuada dos contra-ataques, relativamente ao campeonato anterior.

Sousa (2000) constatou no seu estudo que a selecção Portuguesa recorria preferencialmente ao sistema defensivo 3:3, contrastando com as restantes selecções integrantes que utilizavam os sistemas 6:0 e 5:1. O autor verificou ainda, que a defesa do guarda-redes é a principal acção de recuperação da posse de bola com êxito e observou também que existem diferenças nos meios tácticos defensivos utilizados pela selecção de Portugal relativamente às outras selecções do estudo.

Em um estudo realizado na cidade de Kiev por Gomes (1991), este pretendia determinar a eficácia dos sistemas defensivos 5:1, 6:0, 4:2 e 3:3, das equipas seniores masculinos, participantes do campeonato nacional da antiga União Soviética (URSS). Com os resultados do estudo este afirmou que qualquer sistema defensivo era eficaz quando durante o jogo o ataque fosse feito em várias fases, pois o ataque pode ser feito em várias fases, denominadas fases de ataque (Graziano, 2015).

O autor afirmou ainda que os sistemas defensivos mais resultativos foram o 3:3 (74, 83 %) e o 5:1 (56, 36%), a utilização desses sistemas defensivos, permitiu que as equipas causassem aos

ataques várias paragens, comparativamente quando se utilizaram outros tipos de sistemas defensivos. O sistema 3:3, comparativamente ao sistema defensivo 5:1, foi o mais eficaz quando usado contra o sistema ofensivo 3:3 (Graziano, 2015).

Uma das razões que pode explicar o reduzido número de estudos dedicados ao processo defensivo é o facto de muitas acções defensivas ocorrerem longe da bola, o que dificulta a análise detalhada do processo defensivo (Sousa, 2000).

Na actualidade, a defesa abandonou o conceito de reacção à acção ofensiva, adoptando em alternativa, a antecipação à acção do atacante. Na sua opinião, o jogo defensivo moderno inicia-se com esse conceito, independentemente da estrutura defensiva adoptada (Seco, 2006).

Garganta (1997) refere que as evoluções dos sistemas defensivos ao longo do tempo, quanto à sua operacionalização, são susceptíveis de provocar alterações na configuração do sistema (ofensivo ou defensivo respectivamente), da equipa contrária.

Capítulo III

3.0 Material e Método

3.1 Área e População de Estudo

O estudo foi realizado na cidade de Maputo, durante o campeonato nacional de seniores em andebol, no período de 14 a 21 de Dezembro de 2015. O certame decorreu no pavilhão do Clube dos Desportos da Maxaquene e salão do IFP da Munhuana, onde participaram 7 equipas em masculino que realizaram 21 jogos das 7 jornadas, e 6 equipas femininas com 15 jogos realizados nas 5 jornadas.

3.2 Amostra

A amostra do presente estudo resultou dos 20 jogos observados durante o campeonato nacional dos quais 10 jogos foram dos masculinos e 10 dos femininos.

3.3 Instrumento para recolha de dados

Para a recolha de dados recorreremos a observação directa dos jogos, auxiliados pelo guião de observação elaborado por Graziano (1990), com este instrumento foi possível registar as várias acções realizadas durante o jogo.

3.4 Tipo de delineamento da pesquisa

A pesquisa é de carácter descritivo, com um delineamento quantitativo transversal.

3.5 Procedimentos estatísticos

Para o cálculo da média de golos para cada sistema, recorreremos ao Excel, para acharmos a percentagem da eficácia.

Capítulo IV

4.0 Apresentação e Discussão dos Resultados

A assistência dos jogos e a recolha de dados durou uma semana, onde foi possível obter os dados que apresentamos nos quadros que se seguem

4.1 Seniores Feminino

4.1.1 Quadro 8: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos Seniores Femininos

Sistemas Defensivo	Sistema Ofensivo	N° Ataques	Fases Ataque	Golo	Fora	Bloco	Bola Fora	Faltas	Trave	Contra Ataques	Eficácia Defensiva	
6:0	3:3	324	578	225	32	25	72	236	26	51	38%	
5:1		127	193	79	20	6	34	109	5		40%	
4:2		32	52	18	12	-	12	25	-		34%	
3:3		9	13	4	2	-	5	4	-		30%	
3:2:1		-	-	-	-	-	-	-	-		-	-
51											-	
6:0	4:2	17	24	5	5	1	11	10	-		20%	
5:1		4	7	1	1	-	3	2	-		14%	
4:2		-	-	-	-	-	-	-	-		-	
3:3		-	-	-	-	-	-	-	-		-	
3:2:1		-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Total	-	513	867	332	72	32	137	386	31	51	-	

O quadro acima apresenta o resultado dos 10 jogos realizados pelos seniores femininos, no campeonato nacional de andebol.

Obteve-se um total de 513 ataques, com 867 fases de ataque, tendo sido marcados 332 golos, com 72 bolas perdidas, 32 blocos realizados, 137 remates para fora, 386 faltas cometidas, 31 bolas a trave e 51 contra-ataques concretizados.

No sistema defensivo 5:1, face ao sistema ofensivo 3:3, registou-se um total de 127 ataques, 193 fases de ataque, 79 golos, 20 bolas perdidas, 6 blocos, 34 remates para fora, e 109 faltas cometidas, 5 bolas foram a trave, o que fez com que tivéssemos 40% de eficácia defensiva.

Este sistema defensivo foi o mais eficaz comparativamente aos demais sistemas, porque as equipas como forma de impedir com que o adversário tenha muito espaço de manobra e melhor realizar remates a longa distancia, adiantavam sempre uma jogadora que estava em constantes deslocações, pressionando as jogadoras da primeira linha do ataque impedindo-as de progredir facilmente e rematar a longa distancia por cima da barreira.

As equipas recorreram a este sistema defensivo pois ajudava a defesa a:

- ✓ Pressionar em cima a atacante que facilmente desequilibrava a defesa com penetrações ou remates a longa distância;
- ✓ Interceptar os passes realizados entre as jogadoras da primeira linha do ataque, ou a sua inteiração com as pontas e pivô;
- ✓ A defesa, era muito agressiva e flexiva, havia uma comunicação permanente entre a guarda-redes e a defesa;
- ✓ Reduzir número de passes para as jogadores mais próximas da defesa relativamente melhor posicionados para concretizar (pivô, e pontas);
- ✓ Pressionar o ataque de forma a cometer falhas;
- ✓ A jogadora adiantada quando interceptava o passe ou houvesse falhas no ataque era quem facilmente isolava-se e concretizava o contra-ataque;

No sistema defensivo 6:0, face ao sistema ofensivo 3:3, tivemos como registo 324 ataques, dos quais surgiram 578 fases de ataque, que resultaram em 225 golos, 32 bolas perdidas, 25 blocos feitos, 72 remates para fora, 236 faltas cometidas, 26 bolas a trave, com uma eficácia de 38%, este registo deveu-se a factores como:

- ✓ Dificuldade em realizar um bloco eficaz, em caso de remates a longa distância;
- ✓ A compensação tardia, em caso de saída de uma colega da defesa para a jogadora com bola, falta de concentração, lentidão em ocupar espaços vagos que facilmente o adversário pudesse aproveitar para concretizar;

- ✓ O elevado número de faltas cometidas pela defesa obrigando o ataque a realizar muitas fases de ataque.
- ✓ Todas equipas participantes iniciaram os seus jogos usando a defesa 6:0 para fazer face ao sistema ofensivo 3:3, a maior parte do tempo do jogo as equipas usavam este sistema como preferencial.

No sistema defensivo 4:2, face ao sistema defensivo 3:3, registou-se 32 ataques, dos quais foram realizados 52 fases de ataque, 18 golos, 12 bolas perdidas, nenhum bloco efectuado, 12 remates para fora e 25 faltas cometidas, nenhuma bolam a trave, apresentando uma eficácia de 34%.

Este sistema defensivo foi solicitado para dar respostas a equipas que tinham:

- ✓ Duas Laterais ofensivas muito rápidas a driblar, rematar, e com boa capacidade de finta e progressão, capazes de desfazerem armadura feita pela defesa.
- ✓ Quando as laterais faziam remates a longa distância com regularidade e eficácia.
- ✓ Este foi o terceiro sistema defensivo mais utilizado, que as equipas priorizaram para ajudar a impedir o ataque a conseguir os seus intentos.

No sistema defensivo 3:3, face ao sistema ofensivo 3:3, registou-se um total de 9 ataques, 13 fases de ataque 4 golo, 2 bola perdida, nenhum bloco, 5 remates para fora e 4 faltas cometidas, nenhuma bola a trave, com uma eficácia de 30%.

Este sistema foi usado como recurso para ajudar a deter o ataque com jogadoras da primeira linha (próximas aos 9 metros), que apresentavam-se:

- ✓ Muito fortes no jogo exterior (remates a longa distancia, facilidade de drible);
- ✓ Pressionar o ataque de forma a distrai-las e ultrapassar o tempo de ataque;
- ✓ Fazer uma defesa homem a homem (HXH), de forma a impedir as linhas de passe e a progressão.

O sistema defensivo 6:0 também esteve em evidência quando as equipas mudavam o sistema ofensivo para 4:2, pois foi possível registar 17 ataques, 24 fases de ataque, 5 golos, 5 bola perdida, 1 bloco efectuado, 11 remates para fora, e 10 faltas, nenhum remate foi a trave, tendo como eficácia 20%, este sistema foi solicitado quando:

- ✓ O adversário fazia o ataque com dois pivôs, e a defesa tornava-se mais vigilante na linha dos 6 metros, para que não houvesse bloqueios ofensivos;
- ✓ A defesa cometia muitas faltas, era muito agressiva e havia uma comunicação permanente entre a guarda-redes e a defesa na linha dos 6 metros;

✓ Havia muita ajuda na defesa.

No sistema 5:1 face ao 4:2, registaram-se 4 ataques dos quais resultaram em 7 fases de ataque, 2 golos marcados, 1 bola perdida, nenhum bloco efectuado, 3 remates para fora, 2 faltas, e nenhum remate foi a trave, com 28% de eficácia.

Com estes dados obtidos podemos afirmar que os sistemas defensivos 5:1 e 6:0 mostraram-se eficazes comparativamente aos demais, face aos sistema ofensivo 3:3, registando uma eficácia de (40%) e (38%) respectivamente. As equipas quando usavam estes sistemas defensivos eram muito activas e agressivas, com uma pressão constante e uma permanente comunicação entre o guarda-redes e os defesas na linha de 6 metros, obrigando o adversário a cometer muitas falhas, remates sem posição favorável, muitas fases de ataque e por vezes a esgotar o tempo de ataque.

4.2 Seniores Masculino

A análise das acções decorrentes das situações de jogo nos seniores masculinos, permitiu-nos registar os seguintes dados

4.2.1 Quadro 9: Resultados das acções defensivas observadas no jogo dos seniores masculinos

Sistemas Defensivo	Sistema Ofensivo	N° Ataques	Fase Ataque	Golo	Fora	Bloco	Bola Fora	Faltas	Trave	Contra Ataques	Eficácia Defensiva
6:0	3:3	404	736	297	45	36	134	289	58	54	40%
5:1		139	216	91	24	9	65	77	14		42%
4:2		28	48	18	5	3	10	14	5		37%
3:3		11	24	8	5	-	7	9	3		33%
3:2:1		-	-	-	-	-	-	-	-		-
6:0	4:2	15	27	7	6	1	9	14	-		25%
5:1		5	9	2	2	-	3	4	-		22%
4:2		-	-	-	-	-	-	-	-		-
3:3		-	-	-	-	-	-	-	-		-
3:2:1		-	-	-	-	-	-	-	-		-
Total		602	1,060	423	87	49	228	407	81		54

No quadro acima, apresentamos dados referentes ao campeonato nacional de andebol de 2015 em sénior masculino.

De acordo com a tabela foram registados um total de 602 ataques e 1,060 fases de ataque, 423 golos, 87 bolas perdidas, 49 blocos, 228 remates para fora, 407 faltas cometidas, 81 bolas a trave e 54 contra ataques.

No sistema defensivo 6:0, face ao sistema ofensivo 3:3, registou-se um total de 404 ataques, 736 fases de ataque, dos quais foram marcados 297 golos, 45 bolas perdidas, 36 blocos, 134 remates para fora e 289 faltas cometidas, e 58 bolas a trave, o que totaliza 40% de eficácia defensiva. Este registo deveu-se a factores como:

- ✓ A disposição táctica dos jogadores em relação ao adversário na defesa,
- ✓ A falta de coordenação entre os vários sectores, no ataque;
- ✓ O fraco domínio dos elementos técnicos básicos necessários para uma boa eficácia do ataque;
- ✓ O elevado número de faltas cometidas pela defesa para deter o ataque impedindo-o de concretizar;
- ✓ Maior inteiração entre a linha da defesa e o guarda-redes,
- ✓ Facilitava ajuda entre os membros da defesa,
- ✓ Antecipação aos remates em blocos colectivos.

Todas equipas iniciavam os seus jogos preferencialmente usando este sistema defensivo, assim como no jogo dos femininos, foi utilizado com mais frequência comparativamente aos demais sistemas defensivos, oscilando para outros sistemas quando enfrentavam adversários com forte jogo exterior (rematadores a longa distância ou com ataque passivo).

No sistema 5:1, face ao 3:3, registou-se um total de 139 ataques, 216 fases de ataque, 91 golos, 24 bolas perdidas 9 blocos, 65 remates para fora, 77 faltas e 14 remates a trave, correspondente a 42% de eficácia.

Este sistema defensivo, embora tenha sido o segundo mais utilizado, foi o que se mostrou mais eficaz para travar o ataque adversário quando se utilizava o sistema ofensivo 3:3. Ele apresentava:

- ✓ Uma defesa mais activa e agressiva, registando-se assim muitas fases de ataques, o que condicionou muitas vezes o ataque a paragens, por vezes a esgotar o tempo de ataque obrigando a rematar sem posição favorável
- ✓ Quando o ataque apresentava-se com um jogador da primeira linha (laterais, ou armador) com fortes capacidades de remate a longa distância, ou mesmo capaz de desequilibrar a defesa e fazer os colegas jogar; a defesa adiantava um jogador para o anular
- ✓ Quando jogador adiantado pressionava de modo a distrair o ataque obrigando-os a perderem a posse de bola;

- ✓ Em caso do adversário perder a posse da bola, este facilmente aparece isolado para concretizar o contra-ataque.

O sistema 4:2, face ao 3:3, registou, 28 ataques dos quais 48 fases de ataque, o que culminou em 18 golos, 5 bolas perdidas, 3 blocos, 10 remates para fora, 14 faltas e 5 remates a trave, o que corresponde 37% de eficácia.

Este sistema foi solicitado para dar resposta a uma forte investidura do ataque de modo a:

- ✓ Inviabilizar a progressão dos dois jogadores que criavam desequilíbrio;
- ✓ Impedi-los de receber ou dar andamento as jogadas, cortando as linhas de passe;
- ✓ Obrigar o armador a ter que iniciar as jogadas sozinho sem apoio.

No sistema defensivo 3:3, face ao sistema ofensivo 3:3, registaram-se 11 ataques, 24 fases de ataque, 8 golos 5 bolas perdidas, nenhum bloco foi realizado, 7 remates foram para fora, 9 faltas e 3 remate a trave, correspondendo 33% de eficácia.

Este, é um sistema defensivo que surge na necessidade de pressionar os 3 armadores do ataque, evitando que estes desequilibrem a defesa e marquem, daí que:

- ✓ 3 Defesas faziam uma marcação homem a homem, nos três homens da primeira linha, com ajuda em caso de bloqueio ou cruzamento;
- ✓ Impediam com que o ataque pudesse progredir, cortando as linhas de passe, entre os atacantes da primeira e segunda linha;
- ✓ Dificultavam a circulação de bola para os dois pontas e o pivô;
- ✓ Obrigavam o ataque a recuar, e a cometer falhas.

No que concerne a defesa 6:0, face ao 4:2, registamos 15 ataques, 27 fases de ataque, 7 golos, 6 bolas perdidas, 1 blocos 9 remates para fora, 14 faltas e 1 remates a trave, com uma eficácia de 25%

Para fazer frente a este sistema ofensivo, a defesa teve que redobrar o controlo na linha dos 6 metros pois, o 4:2 implicava que o ataque fosse feito com dois pivôs, que tinham a função de baralhar (com bloqueios, fintas) a defesa para facilitar a entrada dos jogadores da primeira linha.

Registou-se muito contacto na zona intermédia, entre a zona dos 6 a 9 metros. A defesa não permitia com que os dois armadores realizassem remates a meia distância, o que fez com que a defesa cometesse muitas faltas, obrigando o ataque a refazer-se constantemente pois os armadores tentavam a todo o custo introduzir a bola na zona intermédia para que os dois pivôs pudessem concretizar com mais facilidade.

O sistema 5:1, face ao sistema ofensivo 4:2, registou 5 ataques, 9 fases de ataque, 2 golos 2 bola perdida, nenhum bloco, 3 remates para fora, 4 faltas cometidas, e nenhuma bola para a trave, o que teve de 22% de eficácia.

Paralelamente aos femininos, observou-se neste grupo que, os sistemas defensivos 5:1 com 42% e 6:0 40% foram também, os sistemas defensivos mais utilizados pelas equipas, o 5:1 tendo-se mostrado mais eficaz comparativamente aos outros sistemas defensivos, quando o ataque era feito usando o sistema ofensivo 3:3.

O 5:1 esteve em evidência porque os defensores, para além de terem sido muito activos e agressivos, o jogador adiantados mantinham pressão constante sobre os armadores das jogadas, impedindo que estes realizassem remates a longa distância. Havia ainda uma permanente comunicação entre o guarda-redes e a defesas na linha de 6 metros, obrigando o adversário a cometer inúmeras falhas, remates sem posição favorável, muitas fases de ataque e por vezes a esgotar o tempo de ataque.

Comparando estes resultados em função do género, constatamos que os masculinos apresentam maiores índices de eficácia relativamente aos femininos, pois são vários os factores que contribuíram para esta disparidade tais como: a compleição física dos masculinos face aos femininos e o ritmo do jogo.

No entanto, foi notório, nos dois grupos que o sistema defensivo 5:1 foi o mais eficaz face ao sistema ofensivo 3:3. As equipas estiveram melhor na defesa aplicando este sistema, daí terem obtido uma média de 40% em femininos e 42% em masculinos.

Quanto ao sistema defensivo 6:0, face ao sistema ofensivo 4:2, registou-se uma média de eficácia de 20% em femininos e 25% em masculinos.

Capítulo V

5.0 Conclusões

Olhando para os resultados obtidos nos jogos tanto de femininos como masculinos, podemos afirmar que os sistemas defensivos 6:0, 5:1, 4:2 e 3:3 foram os sistemas recorridos pelas equipas no campeonato de sénior em andebol.

Dentre estes sistemas, o 6:0 e 5:1 foram os sistemas mais utilizados. No entanto, o sistema defensivo 5:1 mostrou-se mais eficaz face ao sistema ofensivo 3:3 obtendo uma eficácia de 40% em feminino e 42% em masculinos, e o sistema defensivo 6:0 foi mais eficaz quando utilizado contra o sistema ofensivo 4:2 obtendo 20% em femininos e 25% em masculinos.

Os masculinos apresentaram percentagens superiores em relação aos femininos, em todas componentes do jogo, relativamente a; número e fases de ataque, golos, bolas perdidas, blocos, remates para fora, faltas, remates a trave e contra-ataques, julgamos que estes resultados devem-se a diferença na compleição física e no ritmo do jogo levado a cabo.

5.1 Recomendações

Esperamos que este trabalho venha a contribuir na compreensão do tipo de sistemas defensivos adequado em cada fase de ataque do adversário, e também suprir a escassa literatura ligada ao pouco abordado assunto.

Que o mesmo possa chegar aos fazedores do andebol principalmente os treinadores, que sege uma mais-valia no auxílio nos seus treinos e na preparação dos jogos.

Venha despertar aos treinadores, a necessidade de adequar o tipo de sistema defensivo as características dos seus atletas e circunstâncias específicas do jogo, de modo a que estes o apliquem com mais autoridade e flexibilidade.

Que potencie a fase de recuperação defensiva, fomente utilização de situações de jogo no treino, como situações de jogo reduzido, adaptado e modificado, e estimule o desenvolvimento de uma atitude antecipativa, ao invés da reactiva na defesa.

6.0. Bibliografia

AAGAARD, Kari. *7th Women Euro-Trend Analysis*. Ehf Web Periodical Vienna/Austria (2007).

ALFÂNDEGA, Raimundo. *O Desenvolvimento do Andebol na Cidade de Maputo a partir dos Jogos Desportivos Colectivos* (2006).

ALMEIDA, Andreia Gonçalves, DECHECHI, Clodoado José. *Handeball: Conceptos e Aplicações*; São Paulo, Manole (2012).

ANTON, Juan. *Balonmano: Tática Grupal Defensiva. Concepto, estructura y metodologia*, Granada: Editorial Universitário, (2002).

BAYER, Claude. *Enseignement des jeux Sport Collectifs*. Vigot, Paris (1994).

BAYER, Claude. “*O Ensino dos Desportos colectivos*” *Colecção Desporto*. Lisboa. Editora Dinalivro (1994).

BARBOSA, João. *A Organização do Jogo de Andebol: estudo comparativo do processo ofensivo em equipas de alto nível em função da relação numérica ataque-defesa*; dissertação de, mestrado em treino de alto rendimento e desporto, FCDEF-UP, Porto (1999)

CASTELO, Jorge. *Futebol Modelo Técnico Tático: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior*. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana (1994).

CASTELO, Jorge. *Futebol Modelo Técnicos Tático: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas de rendimento superior*, Lisboa; Faculdade Motricidade Humana (1994).

CASTELO, Jorge. *O estudo do factor tático desportivo*. In Castelo (eds) *metodologia de treino* (1996).

CHIAVENATO, Idalberto. *Análise del Sistema del Gestil del Sporte: valoracion de la eficácia, eficiencia, funcionalidade y efectividade de los desportes oficiales* (2012).

CRUZ, Ana. *Psicologia aplicada al Balonmano*, editora Paidotribo (2007).

CUETO, Mário Diaz, et al. *Iniciación al Balonmano*. Madrid: Augusto. Editora Pina Telena (1992).

DUFUR, Dany. *Futebol: la Reflexion Tática*. Red. IV (1989).

ESPAR, Xesco. *Balonmano*, Barcelona. Martinez Roca (2001).

FALKOWSKI, Márcia Letícia. *Historia del Balonmano: Introduccion a la Ensenanza de los Deportes Colectivos*. Universidade Murcia (1992).

FALKOWSKI, Márcia Letícia e HENRIQUES, Fernandez. *Táctica-sistemas de jogo: volume I táctica ofensiva individual, Madrid*. Livraria desportiva “ Esteban Sanz” (1997).

FILGUEIRA, Freire Márcia e Grego Pablo Juan. *Um Estudo Sobre a Capacidade Táctica no Processo de Ensino-Aprendizagem-Treinamento*. Revista Brasileira de futebol n°2 Volume 1, Julho/Dezembro (2008).

FUMO, Eduardo. *Análise dos Sistemas Ofensivos Face aos Sistemas Defensivos, das Equipas de Andebol Seniores Masculino e Feminino, no Campeonato Nacional 2014*: Dissertação de mestrado, em treino desportivo; Universidade Pedagógica (2016).

GARGANTA, Júlio. *Modelação Táctica em jogos Desportivos: desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição*; Revista Portuguesa de Ciência de Desporto (1997).

GARGANTA, Júlio. *O Treino da Táctica e da Estratégia nos Jogos Desportivos*, In Garganta J. (ed). *Horizonte e Orbitas no Treino dos Jogos Desportivos*, Porto: Converge Artes Gráficas (2000).

GARGANTA, Júlio. *Análise da Performance nos Jogos Desportivos; Revisão acerca da Análise de Jogo*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto (2001).

GARCIA, Cuesta Juan. *Balonmano*. Madrid: Comité Olímpico Espanhol (1991).

GRAZIANO, Alberto et al. *Análise Biomecânica do Remate em Suspensão com Corrida no Andebol* (1997).

GRAZIANO, Alberto; PESSULA, Pedro; TEMBE Vicente. *O Passado, Presente e as Peripécias para o Desenvolvimento do Desporto em Moçambique*. (2008).

GRAZIANO, Alberto. *Andebol: metodologia de ensino e de treino*, Publifix (2015)

GRÉHAIGNE, Jean. Francis *The Teaching and Learning as Decision Making In Team Sports*, Quest Champaign (2001).

GRECO, Juan Pablo. *Considerações Teóricas da Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos*, Revista Paulista e Educação Física. São Paulo (1992).

- GRECO, Pablo Juan e CHAGAS, Mário. *Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos colectivos*; Revista Paulista Educação Física (ED) psicologia do desporto (1992).
- GRECO, Pablo Juan. *O Ensino do Comportamento Tático nos Jogos Desportivos Colectivos: aplicação no andebol*; Tese de doutoramento em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual Campina (1995).
- GOMES, Garcia Juan. *Balonmano*. Madrid: Comité olímpico espanhol (1991).
- GONÇALVES, Jorge. *História do Andebol em Portugal*: CTT, Correios de Portugal (2003).
- HERGEIRSSON, Thoir. *Qualitative trend analysis 8th men's European Handeball championship*. Ehf publication (2008).
- KONZAG Irmgard. *A Formação Técnico-Tático nos Jogos Desportivos Colectivos. Treino Desportivo*, Lisboa (1991).
- LATISKEVITS, Leandro. *Balonmano*, Editora Paidoro (Eds), Barcelona (1991)
- MAHLO, Friedrich. *Acto tático no jogo*, Lisboa. Compendium, 3ª Edição (1970).
- MARTINI, Kelvin. *O andebol: Técnica/ Tática/ Metodologia*. Publicações Europa-America Mem Martins (1980).
- MITCHEL, Sthephen et al. *A Consciência Tática como Foco Apropriado ao Desenvolvimento para o Ensino de Jogos na Educação Física Elementar e Secundária: O Educador Físico* (1994).
- MORENO, José Hernandez. *Fundamento del Deport, Analisis de la Estructuras del Juego Desportivo*. 2ª Edição INDE (1998).
- OLIVEIRA, Marques. *Ensinar o Andebol*, Porto, Campo das Letras Editores (1995)
- PINTADO, Miguel. *A defesa: O Sistema 5:1 Andebol* Revista (1994).
- PRUDENTE, João. *La Eficácia Ofensiva en Balonmano y los sistemas Tácticos Estructurados; Bajo la necesidad de analizar* (2006);
- PRUDENTE, João Filipe Pereira Nunes. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, vol 4 (2004).
- QUEIROZ, Carlos. *Para uma Teoria de Ensino/Treino de Futebol*. Ludens (1983).

- ROMAN, Jean. *Iniciación al Balonmano*. Editora Gymnos. Madrid topo- revista técnica de andebol (1989).
- ROMERO, Fernandez et al. *Balonmano: Manual Básico*, Santiago; Edicions Lea. (1999).
- ROMAN, Jean. *La Estructuración Del Juego de Ataque: 2ª Congreso Nacional de Técnicos Especialistas en Balonmano* (2002).
- SANTOS, Mário. *Caracterização do Esforço no Andebol*, Setemetros; Lisboa Jul/Ago/Set/Out, 1989
- SECO, Roberto. La, *Evolución del Juego de Ataque en Balonmano*. Revision Histórica: el siglo XX; E-Balonmano. Revista de ciências de deporte, Espana (2007)
- SILVA, António. *Modelação Tática do Processo Ofensivo do Andebol: estudo de situações de igualdade numérica 7 vs 7, com recurso a análise sequencial*. Porto; Dissertação apresentada as provas de doutoramento na FCDEF- UP (2008)
- SIMÕES, António, Juarez. *Andebol Defensivo: Conceitos Técnicos e Táticos* .2ª Edição. São Paulo; Phote Editora (2002).
- SCHELLENBERGER, Peter Mitchael. *Psychology Of Team Sport Toronto*: Sport Book Publisher (1990).
- SOUSA, R. *Modelação do Processo Defensivo em Andebol*: Dissertação de Mestrado, em Treino de Alto Rendimento; Universidade do Porto, Porto (2000).
- TAVARES, Fernando. *Bases Teóricas da Componente Tática nos Jogos Desportivos Colectivos* (1996).
- TEODORESCU, Elisabete. *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos colectivos* (1997).

Página da internet

WWW. Internacional Handball Federecion. Acesso 04 de Janeiro 2017 as 16h10.